

Negociata do Jari é traição nacional



Guerrilheiro salvadorenho com sua filha

FMLN fala à Tribuna da luta de El Salvador

Última página

Pacote eleitoral custou ao povo Cr\$ 600 milhões!

Página 3

O capitalismo polonês segundo João Amazonas

O debate do dia 12 na pág. 5



Mil pessoas lotaram o auditório do debate com Amazonas



O barracão de operários da Jari, agora semi-deserto

Bancos levam os bancários à loucura para faturar mais

Página 4

Grileiro maranhense do PDS violentou menina de onze anos fala o Povo

Págs. 6 e 7

Um escandaloso golpe envergonha a nação. O gringo Ludwig pula fora do Jari, deixando dívidas, prejuízos e miséria. Dos 40 mil moradores do Jari, 15 mil são favelados. O novo dono será Antunes, testa-de-ferro de multinacionais. O governo pagará toda a dívida e o americano ainda vai participar dos lucros até o ano de 2021! Leia na página 3.

Reforma agrária do general Figueiredo é pura demagogia

Página 5

Editorial

Está na ordem do dia o combate ao entreguismo

Nestes últimos dias o país está assistindo a um verdadeiro festival de traição nacional. Tudo encoberto com uma aparência de "grande desenvolvimento".

O ministro Delfim Neto apresenta a trapaça com Ludwig, onde o povo vai pagar as dívidas e os imperialistas vão ficar com os lucros, como uma "nacionalização" do projeto Jari. E o ministro Reis Veloso diz que vai "mobilizar o empresariado nacional" para o projeto Grande Carajás.

Nenhum dos dois diz que neste "Grande Carajás", a empresa estatal Vale do Rio Doce vai servir como testa de ferro para que vários grupos multinacionais se apoderem dos 18 bilhões de toneladas da reserva de ferro, das reservas de manganês, cobre, níquel, ouro e outros minérios, das reservas florestais e da exploração agrícola, da região de Carajás.

* Desde que assumiram o poder com o golpe de 1964, os generais falam no "Brasil Grande" e no "Brasil Potência". Mas cada dia afundam mais o país no lodaçal da submissão ao imperialismo. De 1971 para 1980, o estoque de capital estrangeiro no país aumentou 6 vezes. Os ramos fundamentais da indústria, o comércio, a agropecuária, as fontes de matérias primas, tudo isto foi sendo entregue ao controle dos grandes grupos monopolistas estrangeiros.

A economia brasileira passou a viver em função da dívida externa. A orientação política, econômica e social do país está subordinada às exigências dos banqueiros internacionais. Os governantes andam pelo mundo mendigando empréstimos para pagar os juros e amortizações das dívidas anteriores, num círculo vicioso que cresce como uma bola de neve.

Esta política resultou em desemprego, carestia desenfreada e estagnação econômica. Os estrategistas do Planalto procuram se adaptar ao malogro e falam em "relançar" a economia. Na verdade, escancaram ainda mais as portas da agropecuária e a exploração das riquezas naturais aos grupos econômicos internacionais, e voltam ao conhecido esquema dos países atrasados e dependentes

de exportar matérias primas e produtos primários.

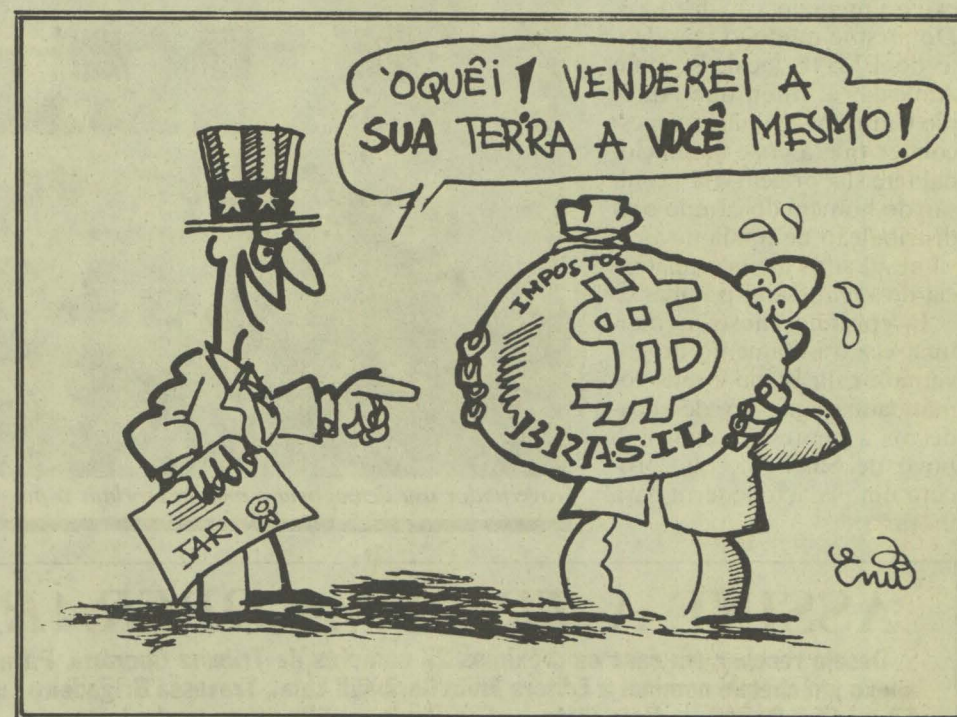
* A ofensiva em torno do Jari, do Grande Carajás e do Jica (que entrega os cerrados à exploração dos monopólios japoneses) é decorrência direta deste "relançamento". Só pode resultar num aprofundamento na dependência do país e na intensificação da espoliação de nosso povo.

O desenvolvimento independente do país depende fundamentalmente da liquidação do domínio imperialista do país. E as classes dominantes já demonstraram fartamente que não podem, e não querem, realizar esta tarefa. O entreguismo é exatamente uma das características centrais do regime militar implantado desde 1964.

* A classe operária e todos os que lutam pelo progresso do país não podem deixar de denunciar com todo vigor a espoliação de nosso povo pelas grandes empresas multinacionais e pelos banqueiros estrangeiros. E combater a entrega das riquezas e de vastas áreas do território nacional aos grupos imperialistas. Crescem de importância as lutas em defesa da soberania nacional e os movimentos como os que se voltam para a defesa da Amazônia.

A luta pela independência e a luta pela liberdade se entrelaçam. O monopólio do poder pelos generais é essencial para a manutenção da atual política de colaboração com o imperialismo. Somente um novo regime, democrático e com a participação efetiva das forças populares, pode conduzir o país para um desenvolvimento seguro e um progresso real.

* A burguesia procura desvincular a luta democrática da luta anti-imperialista. Pretende esconder com isto a sua esperança num desenvolvimento "interdependente", em colaboração com os monopólios internacionais. E também certas correntes de "esquerda" desprezam a luta pela soberania nacional, dizendo-se "radicais". Combater estas idéias e lutar contra o entreguismo são tarefas essenciais na situação atual.



Conam surge para unir bairros de todo o país

Fundada entidade das Associações de Moradores. Pg. 8.



Mais de 5 mil delegados de todo o país participaram do Conam

Operário morto a tiros dentro das obras da multinacional

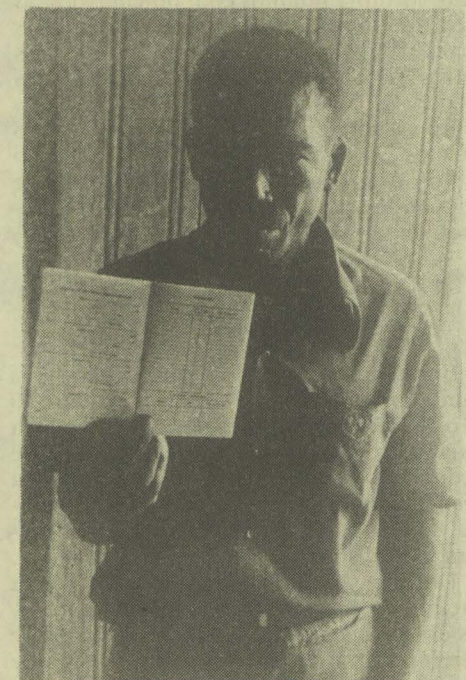
Leia na pág. 4.

Congresso da CPB unifica o movimento dos professores

Leia na pág. 4.

Tráfico de bóias-frias em Minas

Página 5



Oscar Gonçalves trabalha na Usina Monte Alegre há 5 anos, sem Carteira assinada



Não tendo onde morar, os moradores ocupam áreas alagadas de Salvador

Governador baiano volta a atacar os comunistas

O povo da Bahia está invadindo terrenos, porque não tem onde morar. O governador Antônio Carlos Magalhães não consegue resolver o problema, e para justificar a sua incompetência e a proteção que dá às grandes imobiliárias, voltou a atacar os comunistas, e disse que são eles que organizam as invasões.

No dia 8 de janeiro, o truculento governador baiano voltou a utilizar a imprensa para atacar o Partido Comunista do Brasil. Fizeram coro com ele o prefeito de Salvador, Renam Baleeiro, e o comandante da VI Região Militar, general Bersage Figueiredo Prates.

Desta vez, o motivo dos ataques não foi o movimento contra o aumento das tarifas de ônibus, mas a luta do povo baiano para resolver seus problemas de moradia. O governador, que defende com unhas e dentes os interesses dos grandes grupos imobiliários, só responde com a violência aos invasores de terrenos da cidade. Não conseguem solucionar o problema habitacional. E ataca os comunistas, porque estes se posicionam ao lado dos direitos da população.

DIREITO À MORADIA

O Cardeal Dom Avelar Brandão Vilela, numa clara referência às acusações do governador, disse que o problema da moradia é inquietante e exige a preocupação de todos. Do mesmo modo, o presidente do PMDB local, Rômulo Almeida, afirmou que Antônio Carlos Magalhães quer esconder que a crise habitacional tem sua origem "na expulsão do homem do campo e na distribuição de renda no Brasil, resultados da incompetência do regime anti-popular".

O episódio mostrou mais uma vez o isolamento do governador da Bahia e seus comandados, que só desencadeiam a repressão contra o povo de Salvador, que procura um pedaço de terra para morar.

A guerra civil da moradia

Salvador vive um clima de verdadeira guerra civil. De um lado, operários, subempregados e desempregados disputam com a vida e a morte um pedaço de chão para morar. De outro, os capangas do governador baiano, Antônio Carlos Magalhães, e do prefeito Renam Baleeiro, com suas metralhadoras, fuzis e bombas de gás, tentam impedir o direito de moradia da população.

O processo de radicalização das invasões surge em Salvador depois de 1968. Nesse ano, um misterioso incêndio no Arquivo Público, conhecido como Paço do Saldanha, destrói grande parte dos documentos que se referiam ao problema de terras na cidade: mapas, escrituras, quem eram os donos. Antônio Carlos Magalhães era prefeito da capital baiana. Após o incêndio, ele aprova a Lei 2.281, que serviu para aquisição de terras por grandes proprietários, principalmente para as empresas imobiliárias e construtoras, como a Góes Cohabita, Norberto Odebrecht, e a do genro de Antônio Carlos, chamada OAS, que nadam no lucro.

Dez anos depois, Salvador estava com apenas 30% de sua área ocupada, e um vazio demográfico de 70%. Mas a cidade havia crescido muito, devido ao desenvolvimento

do pólo industrial e da expulsão do homem do campo para a cidade. Ao mesmo tempo, as terras adquiridas pelas imobiliárias, desde a aprovação da Lei 2.281, têm uma valorização avolumada, graças à implantação de infra-estrutura e equipamentos públicos.

A especulação e os lucros exorbitantes das construtoras tiveram, na política elitista do Banco Nacional da Habitação, seu principal aliado. Os programas habitacionais nunca privilegiavam os operários e os trabalhadores, mas a construção de casas e edifícios luxuosos.

A resposta do povo a essa situação é a invasão dos terrenos. Segundo Romildo, do Movimento Contra a Carestia de Salvador, "são 12 mil famílias ao desabrigo, somente em seis invasões ocorridas recentemente, o que totaliza 60 mil pessoas. Desta população, 70% está desempregada, e o restante subempregada."

Roque Assunção, do bairro de Engenho Velho, defende as invasões: "se o povo não faz isso, fica ao relento". Ele já participou de uma invasão em seu bairro, e diz que moradia é caso de vida ou morte. É por isso que a repressão do governo não consegue conter as invasões.

(Luís Sérgio, da sucursal de Salvador)



Governador usa demagogia e manda reprimir o povo.

UNE não aceita aumento no preço das refeições

Mais uma vez o governo militar aproveita as férias escolares para tentar golpear os universitários pelas costas. O general Ludwig, ministro da Educação, aumentou para Cr\$ 130,00 o preço das refeições nos restaurantes universitários, que agora também terão reajustes semestrais. Medidas como essas tiveram rigorosas respostas dos estudantes, no passado.

A luta em torno do preço e da qualidade das refeições nos restaurantes universitários já resultou em grandes mobilizações, como manifestações de rua, invasões e ocupações de restaurantes, com os universitários assumindo os trabalhos e servindo as refeições aos preços anteriores. Uma luta que resultou em grandes vitórias, mas que também teve seus mártires, como o estudante Edson Luís de Souza, assassinado pela repressão em março de 1968, no Restaurante Calabouço, Rio de Janeiro.

Atualmente, segundo cálculos do MEC, 42 mil alunos das universidades federais utilizam os restaurantes universitários. Desse total, somente 8.400 enquadram-se como "carentes", nos critérios do ministério, e pagarão Cr\$ 30,00 pelas refeições. Para os mais de 30 mil restantes, o preço agora é Cr\$ 130,00. Isso representa um aumento de cerca de Cr\$ 5 mil por mês, nas despesas do estudante! Diante dessa situação, a União Nacional dos Estudantes (UNE) está preparando "a luta contra o decreto do general Ludwig, e pela devolução do bilhão de cruzeiros cortados dos subsídios e por uma suplementação que garanta um preço adequado para as refeições", afirma o presidente da entidade, Francisco Javier.

Ao mesmo tempo em que aumentou o preço das refeições, o MEC anunciou que pretende aumentar os juros do crédito educativo pago pelos estudantes, de 15% para 35%, e está preparando um "novo modelo jurídico" para as universidades federais, vinculando a universidade às empresas, e para cortes ainda mais drásticos nas verbas governamentais.

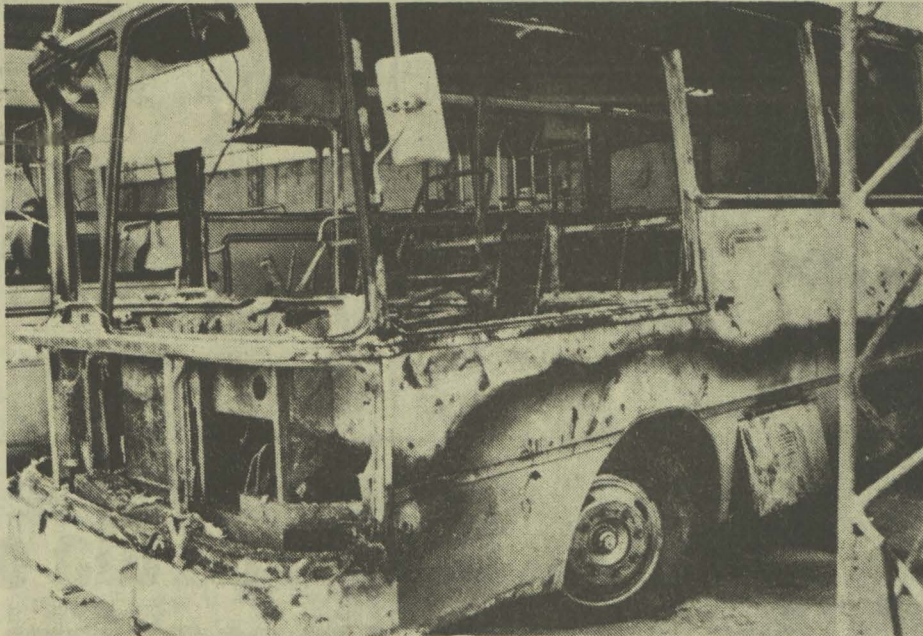


Javier, presidente da UNE, contra taxas

O objetivo do governo militar é substituir o ensino pago nas universidades federais. Tornar ainda mais difícil o ingresso dos mais humildes nas escolas públicas, e aumentar as dificuldades para os que já estudam ali. "O MEC, na prática, pretende acabar de uma vez com a opção de estudar numa universidade sustentada pelo Estado", denuncia o presidente da UNE.

A reforma do modelo jurídico da universidade, por exemplo, foi objeto de um seminário semi-clandestino, realizado em novembro em Brasília. O patrocínio formal foi do Conselho de Reitores Universitários, mas participaram também a embaixada norte-americana e duas fundações de universidades dos Estados Unidos. Elas apresentaram seu modelo, que leva à total subordinação do ensino aos interesses dos grandes grupos capitalistas.

Os estudantes e a comunidade universitária rejeitam totalmente esses projetos anti-populares do governo do general Figueiredo. E, para prepararem-se para vigorosas ações, estão programadas importantes reuniões de entidades ligadas à área de ensino, como o Congresso da Associação Nacional dos Docentes do Ensino Superior, dia 1º de fevereiro, em Florianópolis, e o Conselho Nacional de Entidades Gerais da UNE, de 5 a 7 de fevereiro, no Rio de Janeiro.



A população enfurecida destruiu completamente o ônibus

Na briga moradores conseguiram linha de ônibus

Mais de mil moradores de seis bairros da cidade de Sumaré, a 110 km de São Paulo, destruíram dois ônibus e apedrejaram várias viaturas policiais, protestando contra a deficiência no transporte coletivo. Os prejuízos foram calculados em Cr\$ 50 milhões, mas a população conseguiu aumentar o número de ônibus que serviam os bairros.

Há mais de um ano os moradores do distrito de Nova Veneza pediam ao prefeito de Sumaré, Paulo César Moranza, a instalação de linhas de ônibus ligando seus bairros aos bairros periféricos de Campinas. O prefeito pediu prazo até 24 de dezembro para atender ao pedido. Mas não atendeu, e os moradores dos bairros marcaram uma concentração de protesto, para o dia 3 de janeiro.

Nesse dia, os moradores bloquearam os primeiros dois ônibus da Auto Viação Ouro Verde, que chegaram ao

ponto final do bairro de Nadaí. Por volta das nove horas, mais dois ônibus estavam em poder dos 1.500 manifestantes. Sua liberação só seria feita com a presença do prefeito no local. Mas Paulo Moranza se recusou a comparecer, e os manifestantes incendiaram um dos veículos e apedrejaram o outro.

Quando a polícia foi ao bairro, reprimir o povo, também teve resposta. Uma viatura foi apedrejada. Os pelotões de choque de Campinas e de Americana, bombeiros e policiais rodoviários foram recebidos a pedradas e tiros disparados para o alto pelos manifestantes. Mesmo com bombas de gás lacrimogênio e os cassetes não conseguiram dispersar a multidão. E no dia seguinte, a Auto Viação Ouro Verde colocou vários ônibus para fazer o percurso Nadaí-Campinas. Vitória dos moradores!

DE NORTE A SUL

Amazonas faz palestra sobre Albânia no Rio

Albânia, a construção do verdadeiro socialismo - palestra de João Amazonas, dia 28 de janeiro, às 19 horas, no auditório do 9º andar da ABL, no Rio de Janeiro, na rua Araújo Porto Alegre, 71, centro.

Prefeito de São Luiz faz noite de orgias

O prefeito de São Luís do Maranhão, Roberto de Pádua Macieira, reuniu todo o seu secretariado na noite de 31 de dezembro, para uma festa de confraternização no Hotel Vila Rica. As tantas da madrugada, quando já estavam totalmente embriagados, e derrubando whisky uns nos outros, o garçon lhes apresentou a conta de Cr\$ 300 mil. O prefeito se recusou a pagar, e começou um quebra-quebra no local. Enquanto o prefeito, que é apadrinhado do presidente do PDS, o senador José Sarney, fazia suas orgias de alto luxo, os funcionários municipais passaram o fim de ano sem receberem seus ordenados.

(da sucursal)

Caema expulsa as famílias do Tibiri

A CAEMA, órgão do governo do Maranhão, está ameaçando expulsar 52 famílias do povoado Tibiri Rio do Meio, em consequência das obras do Projeto Itaipu, que deverá abastecer a Alcoa de água. Até agora já foram derrubadas seis casas. Existem famílias que moram ali há mais de 40 anos. Para despejar as famílias, o governo usa da violência, como a queima da roça de Maria Andreza do Nascimento e de Zé Bolinha. Os moradores têm resistido ao despejo, mas ainda não conseguiram força para evitá-lo.

(da sucursal)

Comissão PP/PMDB toma posse na Bahia

Tomou posse no último dia 13 a comissão de incorporação do PP ao PMDB na Bahia. A solenidade de posse foi aberta pelo presidente do PMDB local, dr. Rômulo Almeida, com a presença do presidente do PP baiano, professor Roberto Santos, e do candidato do PMDB ao governo do Estado, dr. Waldir Pires. Todos os pronunciamentos foram de denúncia das tentativas do governo em fraudar as eleições de novembro. O deputado estadual Galdino Leite, do PP, destacou o deputado federal Francisco Pinto como uma grande personalidade da oposição baiana. E o dr. Waldir Pires destacou o nome do opositor Haroldo Lima, candidato a deputado federal, que sofreu recente acidente automobilístico.

(da sucursal)

Polícia goiana dá sumiço em operário

Desde que foi preso acusado de roubo, no dia 8 de janeiro, o operário Manoel Joaquim da Silva não foi mais visto por sua família. O delegado de polícia, Abdul Sebba, responsável pela prisão de Manoel, afirma que o operário foi solto dia 10, mas ninguém sabe onde ele se encontra. Joaquim da Silva, pai de Manoel, afirma que seu filho não é ladrão: "sempre lutamos com dificuldades, às vezes tendo que pedir o que comer. Mas nunca roubamos uma pedra de sal dos outros". Enquanto prende operários em suas residências, a polícia de Goiânia até hoje não apurou e nem prendeu os responsáveis pelo desfalque de Cr\$ 400 milhões no Banco do Estado de Goiás. Valadão, Índio Ariaga e Irupuan Costa Jr., acusados dos desfalques, andam à solta.

(da sucursal)

Estudantes da Viração no seminário nacional

Universitários de todo o país identificados com a corrente "Viração" realizarão entre 10 e 16 de fevereiro um Seminário Nacional, na Faculdade de Direito da Universidade Federal de Goiânia. "Viração" promete uma agenda movimentada, contendo desde festas, filmes e futebol até debates sobre cultura, socialismo e a situação internacional. A Universidade brasileira merecerá um dia inteiro de discussões. Entre os apresentadores dos temas, já estão confirmados o padre Pereira, reitor da Universidade Católica de Goiás, o historiador Clóvis Moura e o ex-presidente da UNE Aldo Arantes, além dos presidentes da entidade máxima dos estudantes nas gestões atual e passada. Prevê-se uma ampla participação.

Nasce a União das Mulheres de Ijuí-RS

Foi criada no dia 19 de dezembro, na cidade gaúcha de Ijuí, a União das Mulheres. Na ocasião foi discutido e aprovado o estatuto, e eleita sua primeira diretoria. A entidade visa unificar e organizar as mulheres na luta pela sua igualdade social; incentivar a participação das mulheres em torno de seus problemas específicos e das lutas gerais do povo, conscientizar a mulher dos seus direitos, promover encontros, palestras, estudos etc.

(da sucursal)

ASSINE A TRIBUNA OPERÁRIA!

Desejo receber em casa os próximos 25 números da **Tribuna Operária**. Para isto, envio anexo um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda., Travessa Brigadeiro Luís Antonio, 53 — CEP 01318 — Bela Vista — São Paulo — SP, correspondente a uma

☐ Assinatura standard (Cr\$ 750,00)

☐ Assinatura de apoio (Cr\$ 1.500,00) ☐ Assinatura parcelada (2 x Cr\$ 375,00)

Nome: _____

Endereço: _____

Bairro: _____ Cidade: _____

Estado: _____ CEP: _____

Fone: _____ Data: _____

Profissão: _____

Tribuna Operária

Jornalista responsável: Pedro Oliveira

Conselho de Direção: Rogério Lustosa, Bernardo Joffily, Olívia Rangel, Dilair Aguiar.

Redação: Travessa Brigadeiro Luís Antonio, 53 Bela Vista - São Paulo - Capital - Tel.: 36-7531 - CEP 01318.

Sucursais: Amazonas: Rua Simon Bolívar, 231-A Pça da Saúde. - Caixa Postal 1439, Manaus - CEP 69000. Pará: Rua Aristides Lobo, 620 - Centro - Belém CEP 66000. Maranhão: Rua Osvaldo Cruz, 340 - sala 404 - São Luiz - CEP 65000. Piauí: Rua David Caldas, 374 - sala 306 Sul - Teresina - CEP 64000. Ceará: Rua do Rosário, 313 - sala 206 - Fortaleza CEP 70000. Paraíba: Rua Padre Meira,

30 - sala 108 - Centro - João Pessoa CEP 58000 - Rua Venâncio Neiva, 83, 1º andar - Campina Grande - CEP 58100. Pernambuco: Rua 7 de Setembro, 42 - 7º andar - sala 707 - Boa Vista Recife - CEP 50000. Alagoas: Rua Cincinnati Pinto, 183 - Maceió - Centro CEP 57000. Sergipe: Rua João Pessoa, 299 - sala 28 - Aracaju - CEP 49000. Bahia: Rua Senador Costa Pinto, 845 Centro - Salvador - CEP 40000. Av. Getúlio Vargas, 260 - sala 101 - Feira de Santana - CEP 44100. Rua Corpo Santo, 32 - Bairro dos 46 - Camaçari - CEP 42800. Minas Gerais: Rua da Bahia, 573 Sala 904 - Centro - Belo Horizonte - Tel.: 224-7605 - CEP 30000. Rua do Contorno Rodoviário, 345/355 - Contagem - CEP 32000. Galeria Constança Valadares 3º andar - sala 411 - Juiz de Fora - CEP 36100. Goiás: Av. Goiás, 606 - edifício Minasbank - sala 2005 - Centro - Tel.: 225-6689 - Goiânia - CEP 74000. Distrito Federal: Ed. Goiás - sala 322 - Setor Comercial Sul - Brasília - CEP 70317. Mato Grosso: Rua Comandante Costa, 548 - Cuiabá - Tel.: 321-9055 - CEP 78000. Espírito Santo: Av. Getúlio Vargas, 247 - sala 705 - Vitória - CEP 29000. Rio de Janeiro: Rua da Lapa, 200 - sala 1111 - Lapa - Rio de Janeiro - CEP 20021. Av. Amarel Peixoto, 370 - sala 807 - Centro - Niterói - CEP 24000. São Paulo: Rua Marechal Deodoro, 943 - Centro Campinas - CEP 13100. Rua José Pinto Almeida, 1378 - Piracicaba - CEP 13400. Paraná: Rua Barão do Rio Branco, 41 sala 809-A - Curitiba - CEP 80000. Rua Sergipe, 891 - salas 7 e 8 - Londrina CEP 86100. Rio Grande do Sul: Rua General Câmara, 52 - sala 29 - centro Porto Alegre - CEP 90000. Rua Dr. Montauri, 658 - 1º andar - sala 15 - Caxias do Sul - CEP 95100.

A **Tribuna Operária** é uma publicação da Editora Anita Garibaldi Ltda. Impressa na Cia. Editora Jorjús. Rua Gastão da Cunha, 49 - Fone: 531-8900 - São Paulo.

Que revolução fez a China? João Amazonas mostra que foi uma revolução democrática burguesa.

Seu teórico principal, Mao Tsetung, jamais compreendeu a teoria científica do proletariado.

Preço por exemplar: Cr\$ 600,00. Pedidos: Editora Anita Garibaldi, Travessa Brigadeiro Luís Antonio, 53 Bela Vista - São Paulo - CEP: 01318.

A Tribuna Operária tem novo endereço:

Travessa Brigadeiro Luís Antonio, nº 53 - CEP 01318 - Bela Vista -

Fone: 36-7531 - São Paulo - SP.

(Próximo à esquina com a Travessa Brigadeiro Luís Antonio).

Jari faliu e Ludwig ainda saiu lucrando

O milionário-americano Daniel Ludwig pulou fora do Projeto Jari. Agora quem vai controlar tudo, será Trajano Antunes, testa-de-ferro das multinacionais. O Jari sai do fogo e cai na frigideira. O governo entra no negócio, mas só para pagar as dívidas — 40 bilhões de cruzeiros!

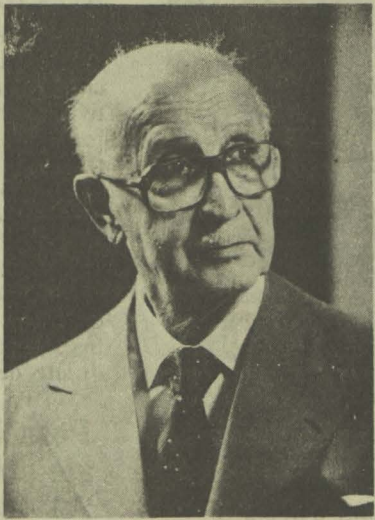
O Projeto Jari é uma verdadeira invasão americana no Pará e Amapá. Inclui uma fábrica de celulose produzindo 700 toneladas por dia; uma fábrica de caulim para produzir 150 mil toneladas anuais; 100 mil hectares de reflorestamento; plantações de arroz; contrabando de ouro e uma favela de palafitas com 12 mil habitantes. Tudo numa área de 1,6 milhão de hectares — a maior propriedade agrícola nas mãos de uma só pessoa e a maior exploração florestal do mundo.

Este império foi conseguido com a vergonhosa ajuda da ditadura militar. Tudo começou logo após o golpe de 1964. Foi quando Azevedo Antunes e Roberto Campos convidaram Ludwig a investir na Amazônia. Em 1967, o multimilionário armador americano começou a comprar centenas de milhares de hectares de terras, pagando por hectare apenas 300 cruzeiros, a preços de hoje.

UM AMIGO DOS GENERAIS

O imperador do Jari tornou-se tão poderoso que conseguiu importar uma fábrica de celulose inteira, do Japão, com incentivos fiscais e passando por cima da lei do similar nacional. Quem garantiu a transação foi o governo brasileiro, contrariando até a orientação do BNDE (Banco Nacional de Desenvolvimento).

Mas apesar de todos os favores oficiais o Projeto Jari terminou entrando em colapso. O reflorestamento, baseado na árvore gmelina e num pinheiro



especial, destruiu com mil hectares de floresta virgem mas foi um fracasso. O rendimento ficou 40% abaixo do esperado. A crise geral do capitalismo jogou areia no Projeto; o consumo e os preços da celulose estão em queda e os custos do Jari não se mostraram competitivos.

O velho imperialista, vendo o barco furar, não teve dúvidas. Despediu metade dos 8 mil trabalhadores, cancelou a expansão planejada e passou a fazer ameaças de paralisação. Para dar realismo à chantagem, deixou de pagar a prestação de suas dívidas vencida em julho de 1981.

O POVO PAGA O PATO

Foi um corre-corre, até que Azevedo Antunes, o mesmo que convidara Ludwig, propôs-lhe um negócio: pagaria a prestação, em troca de certas ações em poder do devedor.



Acima, Ludwig, o que deu o golpe. Ao lado, Antunes, amigo do gringo

Isso precipitou os acontecimentos. Os tecnocratas do regime militar e os maiores figurões do capital brasileiro entraram numa roda-viva, até que chegaram a uma solução, capitaneada, mais uma vez, pelo velho testa-de-ferro Antunes. Criaram uma gigantesca companhia, formada por duas dezenas de grandes empresários e mais o Estado brasileiro. Antunes será o coordenador, escolherá o presidente e cinco membros do Conselho de Administração da nova companhia. Os outros sócios e o próprio governo não indicarão um total de quatro membros. O governo financiará as estradas, toda a infraestrutura econômica e social com dinheiro público, mas sua participação será apenas para pagar as dívidas. Complementando a vergonha, a empresa será considerada nacional e receberá ainda mais incentivos fiscais.

O PULO DO TIGRE

O grande golpe está armado. Ludwig e seus amigos bolaram um jeito de ficar com os lucros e deixar as dívidas e encargos para o governo, ou melhor, para o povo brasileiro. A Nação e seus filhos foram vítimas de mais uma traição.

E o grupo de Daniel Ludwig, vai ficar fora do negócio? Não. Ai é que está o truque. O finório imperialista só se livrou das dívidas, encargos sociais, riscos e incômodos. Mas garantiu participação nos lucros do Projeto Jari até o ano 2.021!

(Luiz Gonzaga)

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

O que é mesmo o socialismo?

Os acontecimentos mundiais, especialmente os da Polônia, criaram uma grande polêmica sobre o socialismo. Os trabalhadores simpatizam intuitivamente com este sistema; mas muitos perguntam como a Polônia "socialista" apresenta o mesmo quadro sombrio de um Brasil qualquer. E a burguesia aproveita para jogar lama no verdadeiro socialismo.

A forma de desfazer a confusão é retomar os critérios marxistas do autêntico socialismo. Embora seja moda falar em "socialismo nacionais", esses critérios têm validade universal, assim como são universais as leis básicas do sistema capitalista.

FIM DA PROPRIEDADE PRIVADA

No plano econômico, o socialismo é o fim da propriedade privada dos meios de produção, na indústria, agricultura, etc. A propriedade privada é a base da exploração capitalista. Com sua eliminação, a própria burguesia desaparece enquanto classe. A presença das multinacionais, naturalmente, também é incompatível com qualquer regime socialista digno deste nome. Cria-se assim uma sociedade onde todos são trabalhadores e quem não trabalha não come.

No socialismo a economia é única e segue um plano elaborado coletivamente pelos trabalhadores. Acaba assim a anarquia típica do capitalismo, e com ela a inflação e o desemprego.

O POVO MANDA NO GOVERNO

Também desaparecem o lucro, os salários astronômicos, as mordomias, todos os agudos contrastes da sociedade dividida em classes antagônicas. As diferenças entre a cidade e o campo, entre o trabalho manual e o intelectual vão se reduzindo gradativamente.

Estas transformações na economia só

podem existir com uma mudança igualmente radical no regime político. Exigem a derrubada do poder burguês. E a criação do poder da classe operária, a mais revolucionária, em aliança com o povo trabalhador da cidade e do campo.

Esta democracia é cem vezes mais vasta e profunda que a da mais democrática república burguesa, onde o poder supremo é do dinheiro. No socialismo, pela primeira vez, o povo manda no governo e não o governo no povo.

Compreensivelmente, as classes exploradoras pintam esse regime como o fim do mundo. Na realidade, é o fim da exploração. Implica na mais ampla liberdade, exceto para a exploração, os exploradores, a restauração do capitalismo. É isto a ditadura do proletariado, tão caluniada pelos burgueses de todos os quadrantes, mas tão compreensível para qualquer trabalhador dotado de alguma consciência.

REVOLUÇÃO NAS IDÉIAS TAMBÉM

Finalmente, o socialismo requer uma verdadeira revolução no plano das idéias. Exige um combate incansável e implacável à ideologia da burguesia, do individualismo e do lucro. É sua substituição pela ideologia proletária, fundada no espírito coletivo, no amor ao trabalho, na solidariedade a toda a humanidade trabalhadora em luta para emancipar-se.

Depois da tomada do poder político, os trabalhadores constroem a economia socialista e ao mesmo tempo dão uma atenção toda especial para a luta no terreno ideológico. E a atenção se justifica, pois várias experiências de construção socialista, por falharem neste terreno, terminaram com o retrocesso na política e na economia. Foi o que ocorreu na Polônia, que hoje, sob todos os critérios, nada tem a ver com o socialismo exceto o rótulo.

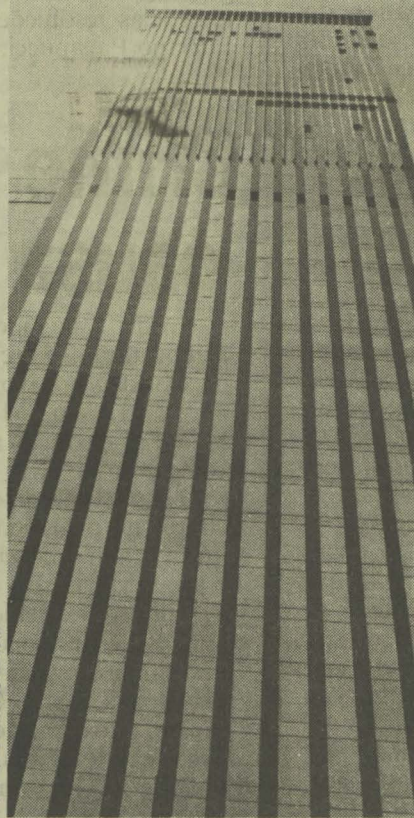
Pacote eleitoral custou 600 milhões de cruzeiros

Encerrou-se no dia 15 o período extraordinário de 40 dias em que o Congresso Nacional foi convocado pelo general Figueiredo para discutir o pacote eleitoral. Para isto, foram gastos 600 milhões de cruzeiros. Sem contar as despesas com os jatinhos dos ministérios e das empresas estatais colocados à disposição para as viagens dos parlamentares do PDS. E, além disso, as fartas propinas que sempre são muito úteis para reforçar a fidelidade dos governistas.

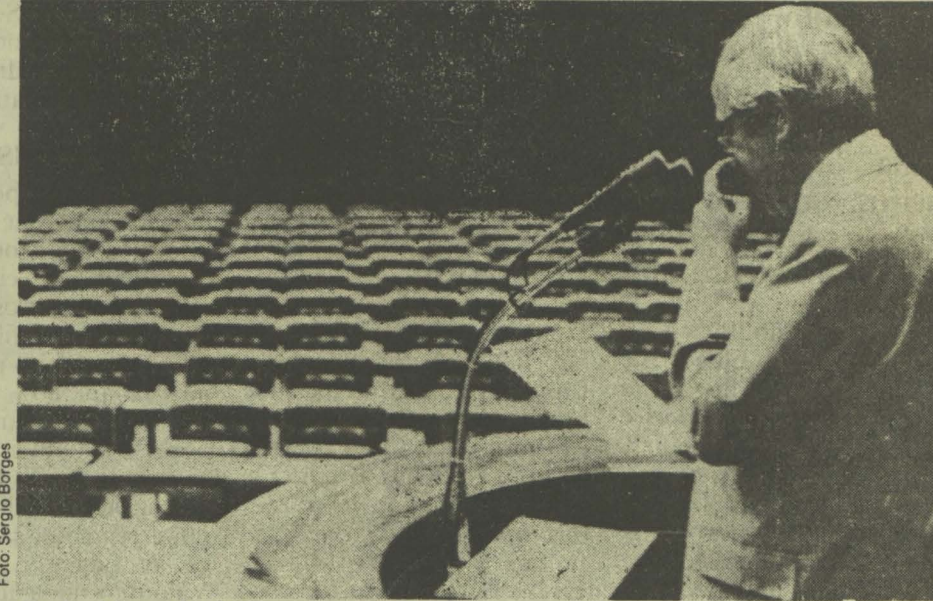
Apesar destes gastos fabulosos, vergonhosamente o PDS foi instruído para boicotar os debates e aprovar o pacote por decurso de prazo. Além de fraudar as eleições, o governo não tem o menor escrúpulo em saquear os cofres públicos para pagar uma convocação inútil do Congresso, usado como joguete dos generais. O general Figueiredo aproveitou a ocasião para empurrar a criação do Estado de Rondônia, visando aumentar o número de parlamentares do PDS, e ainda deu ao primeiro governador deste Estado o direito de governar por decretos-lei.

O JOGO SUJO DO GOVERNO

Nesta maré de oportunismo, o senador biônico Murilo Badaró apresentou uma emenda criando obstáculos à incorporação do PP ao PMDB e fixando normas sobre as pessoas inelegíveis. Depois de várias manobras surgiu um acordo entre o PDS e os partidos de oposição. Foi feita uma ressalva admitindo a incorporação do PP ao PMDB mas impedindo outras incorporações daqui para frente. E foi acertado que só serão inelegíveis os que forem condenados e cujas penas mencionem explicitamente a cassação deste direito.



O prédio faraônico dos 8 bilhões



O plenário vazio do Congresso mostra bem como foi a convocação milionária

Agora, alguns políticos do PDS já disseram que "não sabem" a posição do general Figueiredo sobre este acordo feito pelos parlamentares. Ou seja, insinuam que o presidente pode aprovar o que interessa ao governo e vetar o que interessa à oposição. Qualquer pessoa com um mínimo de honestidade tem que tapar o nariz diante de tanta sujeira.

Isto ainda não encerra a definição das normas eleitorais. O pacote e as outras medidas não são suficientes para dar vitória ao governo. E os generais não aceitam perder eleições. Novos atentados virão. Se não forem suficientes para forjar resultados favoráveis ao governo, os generais tentarão adiar as eleições, como já fizeram em 1980. O ministro do exterior, Saraiva Guerreiro, já trabalha com esta hipótese e declarou que um eventual adiamento não alteraria a política externa brasileira.

Este episódio mostra as limitações da luta no parlamento. Movidos por

Ex-ministro em apuros carrega 8 bilhões do Banco do Brasil

Uma negociata de 8 bilhões de cruzeiros — ou seja, o salário-mínimo de mais de 660 mil operários brasileiros — constituiu o primeiro rombo que o governo dos generais deu nos cofres públicos este ano.

Em escândalos anteriores, o governo dava o dinheiro do povo de mão beijada aos grandes grupos em apuros; Banco Halles, Credence, Audi, Ipiranga, Handra, Imobiliária Nova York, Contal, Lume, TAA, uma lista interminável. Agora, a coisa está mais refinada. O Grupo Veplan ajeitou-se vendendo ao Banco do Brasil, por 8 bilhões, um prédio que na prática já era do banco.

O poderoso Grupo Veplan-Residência tem negócios bancários, imobiliários e com shopping-centers. Seu testa-de-ferro é o ex-ministro do Planejamento, Reis Velloso. Velloso resolveu construir no centro do Rio de Janeiro um enorme e luxuosíssimo prédio de 40 andares. Como bom capitalista, tratou de não desembolsar um tostão sequer. Bateu às portas do Banco do Brasil e conseguiu 25 milhões de dólares (3,3 bilhões de cru-

zeiros), só para começar a obra. Montado o tapume, a empresa vendeu logo uma loja e mais três andares ao mesmo Banco do Brasil.

Mas em seguida a Veplan começou a fazer água, com uma dívida acumulada de 5 bilhões... no mesmo Banco do Brasil. Não se afobou. Sem gastar um tostão com propaganda, etc., vendeu o prédio todo a um único comprador... o Banco do Brasil! Quando um trabalhador compra uma casa pelo BNH e deixa de pagar a prestação, vem a Justiça e toma a casa. Se é uma geladeira, volta para a loja. No caso da Veplan, o prédio foi vendido para quem a financiamento e ainda sobrou um troco de 3 bilhões.

O líder do PMDB na Câmara dos Deputados, Odacir Klein, já convocou o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, responsável pelo Banco do Brasil, para explicar o caso. Klein disse à TO que "a compra do edifício chama mais atenção tendo em vista que ao pequeno produtor rural é negado crédito (tarefa que caberia ao Banco do Brasil), enquanto persiste a liberdade para aquisição de obras faraônicas". (F. Pereira, da sucursal)

Médico-monstro escapa outra vez da punição

Harry Shibata, o sinistro médico-monstro do Instituto Médico Legal de São Paulo, foi absolvido dia 30 de dezembro, num julgamento secreto, pelo Conselho Federal de Medicina. Ele fora proibido pelo Conselho Regional de Medicina de exercer a profissão, acusado de assinar um laudo falso ocultando as torturas sofridas pelo ex-deputado Marco Antonio Coelho no DOI-CODI de São Paulo. Também foi Shibata que assinou os laudos de Vladimir Herzog, "suicidado", Alexandre Vanucchi e João Batista Drumond, "atropelados" no DOI-CODI.

No entanto, segundo o professor Cotrin Neto, responsável pelo parecer que inocentou Shibata no CFM, não havia provas. Até hoje, nenhum torturador, e nenhum médico que colaborou com as torturas, foi condenado por estas atividades. Nunca existem provas. Aliás, vários generais já declararam que a tentativa de julgar os torturadores é "revanchismo". E que a "revolução de 1964" não pode ser colocada no banco dos réus. O regime militar mostra-se disposto a impedir a todo custo, enquanto existir, a apuração destes crimes. Resta saber até quando o povo vai aguentar afrontas à Justiça como o inocentamento de figuras do tipo do dr. Harry Shibata.

Foto: Luis Antonio Batista



Da esquerda para a direita, Joaquim, Eliezer e Sebastião

Líderes sindicais e membros do PT de 13 municípios goianos lançaram uma carta aberta contra uma candidatura petista ao governo do Estado, como manda o "pacote", pois isto "é dividir os votos da oposição, sofrendo a classe trabalhadora um grande prejuízo, com a vitória do PDS". O documento é assinado por figuras expressivas, como Joaquim Barbosa de Lima, presidente municipal do PT em Uruana, Sebastião Miranda, do PT de Itaguaru e Eliezer Bento, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Uruana.

A Executiva regional do PT acusou os companheiros de "Judas dos trabalhadores", "agentes dos fazendeiros e peemedebistas e dos sindicatos pelegos". Mas a Tribuna ouviu os signatários da carta e constatou o contrário.

AS CALÚNIAS E A VERDADE

"Sou lavrador", declarou Eliezer — durante toda a vida trabalho na meia. Há cinco anos participo do movimento sindical. Participo ativamente do III Congresso dos Trabalhadores Rurais, em 79. Presidi o Enclat de Goiás em 81. Sou membro da Comissão Executiva do Enclat de 82. Quer dizer, uma coisa são as calúnias,

outra coisa é a realidade. Temos que dizer que agentes dos fazendeiros e da burguesia são os que não aceitam sugestões". Joaquim acrescenta: "A Comissão Executiva do PT desconsidera tanto o trabalhador que chega ao ponto de afirmar que a carta "é um equívoco ou mau assessoramento". Certamente eles acham que só os intelectuais da cúpula têm cabeça pra pensar..." E Sebastião esclarece: "A carta aberta não foi pra comover a cúpula do PT, mas para os trabalhadores terem consciência e não trocar gato por lebre. A nossa preocupação, acredito, é de trabalhador consciente, se o PT lança candidato a governador, vai dividir os votos e fortalecer o governo do PDS, o partido da ditadura".

(da sucursal)

Superexploração leva bancários à loucura

Enquanto os bancos aumentam em muito seu lucro, como o Banco do Brasil que os tripliou em 1981, a situação dos bancários é de penúria. Mais da metade da categoria no país ganha abaixo de três salários mínimos. Os banqueiros, que têm grande poder no Estado, nomeando ministros e fazendo trapagens financeiras, levaram à loucura muitos bancários.

Na agência do Banco do Brasil de Campos Eliseos, até há pouco tempo havia um bancário que ficava horas e horas batendo a máquina, sem colocar papel. Foi despedido, e agora é internado periodicamente. Outro bancário, com cinco anos de Mercapaulo tem mania de perseguição. Seus familiares afirmam que ele tem medo até dos clientes, pensa que são policiais. No Bradesco de Salvador, há poucos meses atrás, um funcionário com 10 anos de casa ficou neurótico e foi demitido.

Segundo o presidente do

Sindicato dos Bancários de São Paulo, Antonio Augusto Campos, o distúrbio mental é um dos maiores problemas da categoria, que soma 600 mil trabalhadores no Brasil. Ele enumera algumas das razões das neuroses: "A hierarquia no banco é grande. Um bancário está submetido, às vezes, a quatro, cinco chefes, o que gera um patrulhamento terrível. O encadeamento do serviço leva o funcionário a ter pressa. Ele pensa: 'Se eu não faço logo, o outro pára o serviço'. A mercadoria com que os bancários trabalham é o dinheiro, o que dá muita res-

ponsabilidade. Se o caixa comete um engano com qualquer quantia de dinheiro, tem que repor imediatamente".

MAIS DE SEIS HORAS

Exatamente por ser tão pressionada é que a categoria lutou e conquistou a jornada de trabalho de seis horas. Só que os banqueiros não a respeitam. Um perfil da categoria paulista, feito pelo Dieese, mostra que 80% dos bancários trabalham mais de seis horas, e 37% mais de oito. Na compensação do Bradesco de Salvador, trabalha-se até 25 horas seguidas. Já no Bradesco da Lapa, o subcontador Valdir costuma adiantar o relógio pela manhã e atrasá-lo à noite, para segurar os funcionários.

Segundo a portaria 399 do Banco do Brasil, o horário de atendimento ao público é das 10 às 16:30 horas. Mas bancos como o Bradesco e Bamerindus não respeitam, e não são multados. Calcula-se que se a jornada de seis horas fosse respeitada haveria 40 mil novos empregos só em São Paulo.

ESQUEMA POLICIAL

Outro problema é o controle policial sobre os bancários através das auditorias e inspetorias. No Centro Técnico Operacional do Itaú (CTO), em São Paulo, um caixa com dez anos de casa, foi pressionado num interrogatório, acusado injustamente de adulterar cheques. Nas chefias de segurança, os bancos costumam ter oficiais de reserva da PM e das Forças Armadas.

Para aumentar os rendimentos, vários bancos, como o Unibanco, possuem analistas de produção que fixam quanto o bancário deve trabalhar. Os funcionários do Top Club Bradesco, quando querem ir ao banheiro, têm que passar na chefia para pegar talões-autorização. A gravidez é crime. Irley Silva foi demitida ilegalmente do Itaú em dezembro, por estar grávida de sete meses. Iracema Grot, secretária da diretoria do Bandeirantes, foi despedida por estar grávida e sofreu tantas pressões que teve um início de aborto. Iracema entrou com processo no Sindicato dos Bancários e conseguiu ser indenizada em 1,4 milhões de cruzeiros.

Outros que sofrem perseguição dos patrões são os bancários velhos de casa, que não optaram pelo Fundo de Garantia, o FGTS, e têm estabilidade, o que acarreta gastos para a empresa. Francisco Mendes Filho, 42 anos de idade e 23 de Unibanco, por não aceitar um acordo acabando com sua estabilidade, foi ameaçado de ser transferido para a agência Jari, no Pará.

Três chapas disputam o Sindicato de São Paulo

As péssimas condições de trabalho dos bancários exigem uma entidade forte e uma diretoria combativa para lutar por seus direitos. Uma diretoria que tenha ousadia, por exemplo, de realizar as operações fecha-bancos para barrar o desrespeito costumeiro às jornadas de trabalho.

De 8 a 12 de fevereiro ha-

verá eleição no Sindicato dos Bancários de São Paulo, que congrega 140 mil trabalhadores. Concorrem três chapas. A 1, da situação, foi formada a partir de 30 pré-convenções, com a participação de 1.400 bancários. Este processo permitiu a presença na chapa de alguns candidatos que defendem posições classistas combativas. Apesar de certas influências do plurisindicalismo, a chapa pode contribuir para o avanço das lutas da categoria. Já a chapa 2 é formada por elementos conciliadores, muitos sem atuação sindical. E a 3 é constituída por pelegos e dedetados e é apoiada pela patronal Federação dos Bancários.

Calendário da Pró-CUT garante Conclat em 82

Começaram as manobras para impedir a realização do Congresso da Classe Trabalhadora e fundação da Central Única dos Trabalhadores em 82. Alguns sindicalistas, com o apoio do governo militar, querem transferir o Conclat para 83. Mas ao movimento sindical interessa garantir o Congresso para agosto deste ano, e fundar a CUT.

A proposta de adiar o Conclat para 83 tem oposição dentro da Pró-CUT. O presidente do Sindicato dos Padeiros de São Paulo e integrante da Comissão Pró-CUT, Raimundo Rosas, afirma que "a proposta da Conclat de 81 é fazer o Congresso em agosto, e nós vamos trabalhar para que ele seja realizado em agosto." Nos dias 30 e 31 a Pró-CUT reúne-se em Brasília, mas não vai discutir o adiamento do Conclat, e sim a resposta nacional e unitária dos sindicatos contra o Pacote da Previdência.

PROPOSTA DO GOVERNO

A proposta da realização do Conclat em 83 foi feita pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias de Energia Elétrica de São

Paulo, Antonio Magri, mas tudo indica que ela foi elaborada pelo Ministério do Trabalho, a mando do governo Figueiredo, que teme a organização nacional dos trabalhadores neste ano eleitoral. No mesmo dia em que a proposta foi divulgada, o ministro Murilo Macedo qualificou-a de "mais realista". Magri e Macedo manifestaram-se, ainda, contra a organização da Central Única dos Trabalhadores, taxada de "desnecessária e inconveniente", pelo ministro.

Também João Paulo Pires de Vasconcelos, do Sindicato dos Metalúrgicos de João Monlevade, concordou com o adiamento do Conclat. Ao movimento sindical está colocada a necessidade de mobilizar-se para garantir, em agosto, um Congresso com parti-

cipação massiva, de onde sai uma Central Única representativa.

AÇÕES CONCRETAS

A Pró-CUT está orientando, embora com deficiência, a realização de encontros intersindicais regionais e micro-regionais, em fevereiro e março; uma Semana Sindical em abril, preparatória do Dia do Trabalhador; e Encontros Estaduais em maio, onde seja aprofundado o tema do Congresso e os critérios de formação da CUT. A melhor resposta às tentativas espúrias de adiar o Conclat é incentivar as atividades concretas, de massas, baseadas neste calendário nacional.

(da sucursal)

Leia a Tribuna Operária



Professores discutem seus problemas no Congresso da CPB, em Goiânia

XV Congresso da CPB enterra o divisionismo

O Congresso da Confederação dos Professores do Brasil, que teve início dia 18, em Goiânia, representa o fim das tentativas de divisão do movimento da categoria a nível nacional. Conta com a participação de 1.600 delegados de quase todos os Estados do país, representando cerca de um milhão de professores de 1º e 2º graus da rede oficial.

Logo ao abrir o Congresso, o presidente da CPB, Hermes Zanetti, afirmou que a entidade, "junto com as demais forças democráticas do país, trabalha para a construção de uma sociedade nova, sem o autoritarismo desta sociedade que vivemos, onde a lei legítima substitua o arbítrio, e onde a Assembleia Nacional Constituinte, livre e soberana, venha a dar a adequada e justa ordem jurídica à nossa organização social e política."

A CPB RECONHECIDA

Até a professora Hildizia Medeiros que presidiu a malograda tentativa de criar a UNATE, compareceu ao Congresso, afirmando que o reconhecia como o espaço unitário de discussão e decisão dos professores de 1º e 2º graus, comprometendo-se a encaminhar suas resoluções. Como afirmou Luciano Paganucci, da Associação de

Professores Licenciados da Bahia, o Congresso Paulo Freire, como está sendo chamado o congresso de Goiânia, marca "o fortalecimento da CPB como entidade única dos professores, jogando por terra a iniciativa divisionista de criação da UNATE".

SITUAÇÃO DOS PROFESSORES

Em todos os Estados a situação dos professores é calamitosa. O emprego à base do favoritismo político substitui o concurso público; remuneração de fome e política salarial discriminatória; repressão e perseguição política são males que os professores sofrem em todo o país.

No momento em que é encerrada esta edição, a expectativa entre os delegados é de que o Congresso se posicionará sobre o atual momento político brasileiro, com a aprovação da Carta de Goiânia. Na opinião do professor Zanetti, o congresso se manifestará "inclusive pela realização das eleições livres em 82, e sem casuísmos".

O Conselho de Entidades da CPB já aprovou as propostas de ensino público e gratuito em todos os níveis, reajustes semestral e 13º salário para todo o funcionalismo público. Deverá ser aprovada, ainda, a luta de 12% e 25% dos orçamentos federal, estadual e municipal, para a Educação.

(da sucursal)

Crime de morte na Alcoa causa revolta dos peões

No dia 8 de janeiro, 150 operários arrebitaram o escritório e a cantina da Construtora Norberto Odebrecht em São Luiz do Maranhão. Estavam revoltados com o assassinato de um colega.

O caso começou com os brutais descontos no pagamento dos peões. Naquela semana deveriam receber 4 mil cruzeiros mas só veio 600. Ai foram procurar o Sr. Benício — um bandido apelidado de Kojak, que é chefe de pessoal da Construtora — e foram recebidos a bala. Um operário foi morto, outro baleado nas costas e nádegas e na confusão uma mulher deu à luz uma criança. Os operários não recuaram, partiram para cima de Kojak, que conseguiu escapar, e começaram o quebra-quebra.

ESCONDENDO O CRIME

O operário baleado foi Antônio José da Silva, mas o morto está desaparecido. A Construtora Odebrecht está construindo os pavilhões da usina de alumínio da multinacional Alcoa. Tão poderosa é essa empresa que não permitiu que a polícia entrasse em sua área com a cínica desculpa de que "a polícia fica sempre do lado do patrão e se entrasse, iria massacrar os operários". Apesar de tudo isto, a Secretaria de Segurança só instaurou inquérito policial

após ampla denúncia pública, feita principalmente pelo Prof. Nascimento de Moraes.

O Comitê de Defesa de São Luiz vem afirmando que a multinacional está obstaculizando as investigações e o esclarecimento da situação para não tornar ainda pior sua imagem junto ao público. Este Comitê vem lutando contra a instalação do Projeto Alcoa-Shell em São Luiz. Também a TV Difusora denunciou: "Estão ocultando o cadáver do operário, o que representa mais um crime".

(da sucursal)



Fundada Associação dos operários de Carajás

Cerca de 200 operários participaram, no mês passado, da assembleia de fundação da Associação Profissional dos Trabalhadores na Indústria da Construção Civil e do Mobiliário de Marabá. A Associação pré-sindical surge com um grande papel: organizar os milhares de operários que estão sendo deslocados para as obras de Carajás.

Conforme declarou a Tribuna o presidente eleito da entidade, José Maria, "o objetivo da associação é a sindicalização em massa dos trabalhadores e a sua organização dentro das empresas que atuam no Projeto Cara-

jás. Para isto já estamos arranjando uma sede e contratando um advogado para impor respeito às normas trabalhistas".

O prefeito de Marabá, município considerado Área de Segurança pelos militares, já está perseguindo a nova entidade. Mandou suspender o anúncio da realização da assembleia e ainda ameaçando alguns associados, dizendo que "participar do sindicato dá cadeia". Mas a animação dos operários é grande, ninguém se intimidou, afirma José Maria. A toda hora aparece gente querendo se filiar.

(da sucursal)



Metroviários demonstram sua unidade em eleição sindical

Com expressiva participação da categoria, realizou-se nos dias 15, 16 e 17 de dezembro as eleições para primeira diretoria do Sindicato dos Metroviários de São Paulo. Dos 2.456 sindicalizados em condições de voto, compareceram as urnas 1.859 metroviários. Destes, 97% (1807) votaram na chapa única, demonstrando sua representatividade no seio da categoria. A chapa foi formada a partir de convenções nos locais de trabalho, envolvendo 20% da categoria — 800 pessoas. No programa de lutas além de serem abordados os problemas específicos dos metroviários, traz grande preocupação com a situação dos trabalhadores no país. Ele é claro ao afirmar que "com este regime que aí está, a situação de miséria se agravará mais e mais. Não haverá liberdade sindical e direito de greve".

Posseiros de Araguaína fazem ato público em frente à GETAT

Mais de 150 pessoas compareceram ao ato público diante do GETAT, em Araguaína, no último dia 4. Os posseiros da Fazenda Extrema, Nazaré, ameaçados de expulsão de suas terras, se reuniram e armaram um esquema para surpreender o GETAT. O Coronel Lisboa, chefe da entidade na área, ouviu de uma comissão a história dos posseiros na área, desde 1917 até o momento, quando há a ameaça do despejo. Mas o Coronel Lisboa, o delegado da Polícia Federal no local, e o Tenente Martins, da P2, negam a expulsão dos lavradores, e afirmam que "é impraticável o diálogo com o povo".

Empresa Marcopolo aumenta o desemprego em Caxias do Sul

Em Caxias do Sul, um dos principais pólos industriais do Rio Grande do Sul, o desemprego está atingindo milhares de operários. Segundo o Sindicato dos Metalúrgicos, existem na cidade cerca de 30 mil operários, dos quais 8.624 (29%) estão desempregados. No ano de 1981 foram registradas mais de 11 mil dispensas. A empresa Marcopolo, por exemplo, demite cerca de 15 a 25 operários por dia. E há também o jogo sujo da rotatividade. O presidente do Sindicato, Romeu Pieruccini, comenta: "os funcionários da Marcopolo que atingem a faixa salarial de Cr\$ 134,64 por hora são demitidos e substituídos por outros com salários menores".

(da sucursal)

Conflitos de terra envolvem 6.252 camponeses na Bahia

No período 80/81 foram registrados 94 conflitos de terra na Bahia, envolvendo 170 famílias, totalizando 6.252 pessoas. Segundo a Federação dos Trabalhadores da Agricultura no Estado, o foco principal dos conflitos é a região próxima à Chapada Diamantina. Essa é a região de expansão da pecuária e do café. São grandes proprietários e empresas que expulsam o trabalhador de sua terra para implantar seus projetos, com o apoio do governo militar.

(da sucursal)

Descrédito prejudicou pleito dos ferroviários de S. Paulo

A falta de mobilização da categoria e o descrédito da entidade junto à classe foram as razões apontadas por José Nildo da Silva para a derrota da Chapa "Renovação" nas eleições do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas Ferroviárias de São Paulo, realizadas de 6 a 8 de janeiro. Só foi alcançado quórum no terceiro escrutínio, quando 2.630, dos 5.774 associados em condição de votar, compareceram às urnas. A chapa vencedora, liderada pelo engenheiro-chefe de unidade Ferroviária e vereador do PTB em Santo André, Mendes Botelho, obteve 1.459 votos, contra 1.079 da "Renovação". Mas os integrantes da chapa Renovação conclamaram os trabalhadores a participar do Sindicato.

Lavradores gaúchos querem preço melhor para a uva

Os viticultores do nordeste do Rio Grande do Sul estão descontentes com o preço mínimo que o governo fixou para a uva. Os lavradores queriam que o preço fosse Cr\$ 22,45, mas o governo fixou-o em Cr\$ 17,00. Segundo Danilo Zanetti, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Garibaldi, "se for computada a mão-de-obra do produtor, ele terá prejuízos na comercialização". Aos capitalistas e às multinacionais, o governo oferece vantagens, mas para os trabalhadores e pequenos produtores, só o desprezo e o desrespeito.

(da sucursal)

Os trabalhadores rurais de Açailândia fundam sindicato

Mais de 700 lavradores participaram da fundação, no dia 27 de dezembro, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Açailândia, no Maranhão. Neste município a disputa pelas terras tem se agravado com o Projeto Carajás, que cortou a cidade com sua estrada de ferro. O GETAT e os grileiros, obcecados pela valorização da área, estão tentando expulsar os lavradores. Os trabalhadores também tiveram que enfrentar o boicote dos pelegos contrários ao sindicato. O Gonçalves, delegado sindical na cidade, chegou a convocar os grileiros para atrapalhar a assembleia de fundação da entidade e depois recusou-se a entregar as chaves da sede sindical à nova diretoria. Mas o sindicato nasceu forte, com o apoio dos lavradores.

(da sucursal)

Figueiredo faz reforma agrária ao contrário!

O presidente-general Figueiredo disse no final do ano, em rede de televisão para todo o país, que seu objetivo "humanista" é a "imediata e enérgica aceleração da reforma agrária". No dia 7 de janeiro, ao entregar onze títulos de posse de terra, o presidente voltou à carga, dizendo que este ano pretende redistribuir as terras nos pais. Mas, os fatos de 18 anos de regime militar, demonstram que as palavras de Figueiredo são demagógicas, com fins puramente eleitoreiros.

O Estatuto da Terra foi o primeiro projeto dos generais golpistas para sufocar as lutas camponesas. Propagou-se que ele assentaria 300 mil famílias de lavradores por ano no campo. Mas o Estatuto foi arquivado. O governo Médici alardeou um projeto de colonização nas fronteiras agrícolas, o PIC, prometendo um paraíso para os lavradores. Milhares de famílias se deslocaram para a Amazônia. Mas quando pensavam colher os frutos do árduo trabalho, as terras desbravadas por eles foram tomadas pelos grileiros.

MUDOU O CHIQUEIRO

Surgiram o INCRA e o Proterra, com grandes planos, mas nada foi feito. Com a radicalização das lutas dos posseiros do Sul do Pará, os militares criaram o GETAT (Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins), em outubro de 1979. "Mudou o chiqueiro, mas os porcos são os mesmos", comentaram os lavradores ao perceberem as intenções dos generais: dividir a luta dos posseiros, beneficiando uma parcela pequena, e expulsando o restante. O GETAT tituló poucas glebas, sem dar incentivos e crédito. Depois revogou muitos dos títulos de posse. Mas reprime os lavradores, como nas eleições do Sindicato de Conceição do Araguaia. Agora, vem a lei

do usucapião em cinco anos, tão mentirosa quanto as outras. Os camponeses só conseguiram terra através da luta. E no Araguaia, em particular, muitas vezes foram obrigados a recorrer às armas para defender este direito. O que houve nestes anos, foi um aumento brutal da concentração da terra. Segundo o deputado Arnaldo Schimit, os grupos estrangeiros possuem hoje 30 milhões e 433 mil hectares de terra, o equivalente a sete Estados do país. A "reforma agrária" que os

militares fizeram foi para os grandes fazendeiros e capitalistas. Insentaram-nos dos impostos, inclusive o de Renda, por um prazo de 10 anos. Subsidiaram com dinheiro público, 80 e até 90% do capital dos grandes projetos agropecuários. De 1965 a 1972, nada menos que 300 mil pequenas propriedades desapareceram. Os parceiros reduziram-se de 774 mil para 407 mil e os arrendatários de 230 mil para 122 mil. Mas os bóias-frias cresceram de 3,9 para 6,8 milhões. **MUITO INGENUO** Só os ingênuos poderiam acreditar que os militares promoveriam a redistribuição das terras no país. Afinal foi para impedir, entre outras coisas a reforma agrária, que eles deram o golpe. Basta ver que o presidente do PDS, partido do governo, é o grileiro e latifundiário José Sarney. (Altamiro Borges)

Conflitos de terras: jan-80 a jun-81				
ESTADO	CONFLITOS	FAMÍLIAS	PESSOAS	HECTARES
Acre	21	1.180	6.398	820.712
Alagoas	15	2.081	12.200	11.540
Amapá	05	12	20	253.000
Amazonas	23	170	6.252	91.396
Bahia	94	24.201	252.957	2.906.590
Ceará	14	2.032	13.860	15.699
Dist. Federal	03	187	935	65.800
Esp. Santo	03	150	500	30.000
Goias	53	2.776	16.376	495.266
Mato Grosso	62	11.010	61.400	1.033.527
M. Grosso do Sul	19	1.861	22.560	454.112
Maranhão	207	67.184	334.080	7.706.075
Minas Gerais	33	35.387	77.456	137.524
Pará	151	37.874	208.272	13.510.865
Paraíba	14	1.934	16.220	74.013
Paraná	16	11.931	59.780	2.049.204
Pernambuco	26	31.635	173.898	39.168
Piauí	15	2.387	11.160	205.294
Rio de Janeiro	53	5.387	57.170	61.272
R. G. do Norte	16	9.451	59.746	129.336
R. G. do Sul	09	4.264	21.320	10.235
Rondônia	14	2.618	12.091	147.000
Roraima	02	—	8.500	6.630.000
Sta. Catarina	12	2.019	10.795	17.557
São Paulo	20	3.341	17.065	313.145
Sergipe	13	1.089	10.780	87.056
BRASIL	915	261.791	1.572.989	31.216.697

FONTE: CONTAG



Dona Vivência caiu da carreta e se machucou. Mas não morreu. Por isso não teve "assistência" do patrão.

A exploração e miséria dos bóias-frias em Minas Gerais

Dona Vivência caiu da carreta que levava os bóias-frias para a fazenda. Ficou surda de um ouvido, cega de um olho, um nervo arrebatado e o rosto deformado. O

patrão disse que ela só teria direito à assistência se tivesse morrido... É um dos muitos casos da exploração dos bóias-frias do café no sul de Minas Gerais.

São 6 horas da manhã. Homens, mulheres e crianças vão se ajuntando na entrada da cidade de Monte Belo, com suas enxadas. Alguns carregam galões com água e sacolas com a bóia que vai ser comida fria. Um trator puxando uma carreta se aproxima. Os 50 trabalhadores sobem na carreta, sem nenhuma proteção. Transportados em condições piores do que o gado, vão trabalhar na capina de café, ganhando Cr\$ 500,00 por dia, na fazenda de Odilon Mendes Pereira.

Os trabalhadores são transportados junto com as ferramentas e equipamentos, além de não terem a Carteira de Trabalho assinada, o que fere o acordo feito com o Sindicato. Isso facilita os acidentes como o de dona Vivência: "Os patrões não pagaram nada no meu tratamento. Até galinha eu vendi para comprar os remédios. Os patrões disseram que eu me joguei da carreta, e que só se eu morresse é que eu teria alguma coisa. Vê se pode!"

No dia 27 de julho, sete famílias foram trazidas do Paraná para a fazenda de Odilon Pereira. Segundo dona Custódia da Silva, "o gato Osvaldo Henrique disse que a panha do café seria boa, e que ele nos levaria de volta

depois de uns 90 dias. Agora que o serviço acabou, nós estamos passando fome, e o caminho quer cobrar Cr\$ 25 mil pra deixar a gente em Marília, São Paulo. Mas nós somos de Santa Margarida, Paraná".

COMProu HOMENS E MULHERES

E o problema das famílias paranaenses não é só transporte. "Quando acertamos as contas na fazenda, dia 10 de outubro, só nos sobrou Cr\$ 9 mil. O pagamento não foi o que a gente tinha combinado", denuncia dona Custódia. Duas de suas filhas tiveram que abandonar a escola, para esmolar nas ruas. "Meu marido foi conversar com o seu Odilon, e ele disse não ter nada a ver com nós, pois os homens tinham sido comprados por Cr\$ 1 mil, e as mulheres por Cr\$ 500,00. E que o gato tinha ganho Cr\$ 70 mil pra trazer nós até aqui."

TRABALHO ESCRAVO

Mas o tráfico de trabalhadores também é feito de Minas para outros Estados. Na madrugada de 10 de janeiro, cerca de 40 trabalhadores rurais do Vale do Jequitinhonha foram abandonados em Belo Horizonte. Segundo o que eles denunciaram, viviam

em regime de escravidão na Usina Guarani, em Olímpia, São Paulo, no plantio de cana-de-açúcar.

O lavrador Antonio Aguiar conta que eles foram recrutados por Reinaldo Santos Costa, da empreiteira paulista Nicolini, para ganhar Cr\$ 800,00 por dia. Depois de uma semana de trabalho, descobriram que estavam sendo enganados. Só recebiam Cr\$ 400,00 por dia, e ainda tinham descontos para pagar o chapéu, colher, bota, mochila, enxada e Cr\$ 3.050,00 da viagem, além de Cr\$ 5 mil de alimentação. Não lhes cobraria nada no final do mês. Resolveram voltar a Minas.

Para levar os trabalhadores de volta, a empreiteira Nicolini os transportou clandestinamente num caminhão-bau até Belo Horizonte, onde foram deixados. Saíram do caminhão doentes, por causa da falta de ar. Depois de passarem dois dias sem comer, foram encaminhaados à Secretaria do Trabalho, que providenciou refeição e passagens de ônibus para suas cidades de origem. Contra os "senhores de escravos", contudo, nada é feito. A exploração dos trabalhadores é acobertada pelo governo.

(da sucursal)

Amazonas denuncia o falso socialismo na Polônia

Cerca de mil pessoas superlotavam o auditório do Sindicato dos Químicos, dia 12, para debater com João Amazonas o golpe militar e a situação da classe operária na Polônia. A platéia, marcadamente operária, fez do debate um grande ato de solidariedade aos trabalhadores poloneses. E aplaudiu a presença de 43 metalúrgicos da Mafersa e dezenas de representantes de sindicatos e entidades populares. Após a exposição, Amazonas respondeu a perguntas, dizendo entre outras coisas: "Eu acho que na Polônia, atualmente, não existe uma força verdadeiramente marxista-leninista. Mas posso afirmar, com conhecimento de causa, que existem muitos marxistas-leninistas, que indiscutivelmente acabarão se estruturando e jogando seu papel". Abaixo, trechos da exposição.

A Polônia está no centro dos debates sobre problemas internacionais. E isto se justifica. Desde 1970, há 12 anos atrás, iniciou-se lá um período de comoções políticas e sociais. Greves operárias sacodem o país. Mesmo levantes operários têm ocorrido. A repressão entra em cena, insuflada do exterior. Todos estes acontecimentos emocionam ou chocam a opinião pública. O debate gira em torno do socialismo. Jornais e políticos reacionários, generais, todos aproveitam a ocasião para atacar o socialismo.

É sabido que no curso da Segunda Grande Guerra o movimento de libertação nacional, sob a hegemonia da classe operária e com o apoio da União Soviética socialista, triunfou na Polónia. E após o final da guerra, a Polónia converteu-se num país socialista. Foi um acontecimento histórico. A grande e média indústria foram nacionalizadas, assim como os bancos, os transportes, os correios e telefones. Os operários foram às zonas rurais ajudar os camponeses a realizar uma reforma agrária radical, que varreu do campo a classe dos grandes proprietários. E tudo isto em poucos anos, até 1953-54. São êxitos incontestáveis do socialismo, ainda que muito restasse a fazer. Mas dois anos depois, o Partido Operário Unificado da Polónia caiu no revisionismo, seguindo as pegadas do PCUS, onde Krushov, com um golpe de estado, truncara também o caminho socialista na Rússia.

"Somente a Igreja possui 200 mil hectares, mais que todas as terras coletivizadas"

Começa então o retorno acelerado ao capitalismo, o abandono do caminho socialista. No dia 1º de setembro de 1967, o jornal do Partido Operário Unificado da Polónia, **Tribuna Ludu**, escrevia que o número de estabelecimentos artesanais privados, isto é, da pequena e média indústria, em relação a 66, havia aumentado de 12 mil unidades novas, atingindo o número de 150 mil estabelecimentos privados. No período mencionado, os Conselhos Populares tinham fornecido a particulares mais de 800 novos locais, ao invés de 333 que haviam fornecido em 1966, um ano e meio antes. Assim a proprie-



O auditório superlotado transformou o debate num ato de solidariedade internacionalista



João Amazonas debate a Polónia

dade privada avançava, encorajada pelos revisionistas. Esse encorajamento se verificou com força particular no campo. Ali, 3% das terras estão coletivizadas, 3% apenas! 11% das terras são empresas agrícolas do Estado; 86% das terras pertencem a proprietários privados. Somente a Igreja Católica, na Polónia, possui mais de 200 mil hectares de terra, o que representa uma superfície superior a todas as terras coletivizadas.

"Na Polónia não existe mais socialismo, mas capitalismo restaurado e dependente"

Mas não é só! Abriu-se as portas do país ao capital estrangeiro. As dívidas com o Ocidente imperialista chegam a mais de 20 bilhões de dólares, que não foram aplicados no desenvolvimento do país, mas para satisfazer necessidades urgentes do dia a dia. Se acrescentarmos as dívidas com a União Soviética, a Polónia atualmente arca com dívidas no montante de cerca de 30 bilhões de dólares.

No campo político e ideológico, abriu-se espaço cada vez maior à Igreja Católica, anti-socialista. Antes da Segunda Guerra, havia na Polónia 28 mil padres, monges e religiosos. Em 1968 já havia 50 mil, e ao invés de 46 bispos, já existiam 69. As igrejas e capelas, que eram 7.205 antes da guerra, em 74-75 passaram para 14 mil.

E o poder? Com a transformação do Partido Operário Unificado Polonês em revisionista, o poder caiu em mãos de revisionistas que constituem, em seus

escalões mais elevados, uma nova burguesia burocrática, ligada a interesses estrangeiros. Estes os fatos. É evidente assim, companheiros e amigos, que na Polónia não existe socialismo, mas capitalismo restaurado, capitalismo dependente. A rápida visão do quadro social mostra que as forças dominantes hoje na Polónia são, particularmente, a Igreja Católica, os kulaks e os capitalistas e a nova burguesia burocrática, e por sobre todos eles, o social-imperialismo russo, os imperialistas do Ocidente, e também o Vaticano.

"Desmoralizado e dividido, o POUP se esconde por trás da farda. O exército manda"

O chamado sindicato Solidarnosc de sindicato tem muito pouco, por que na realidade é um partido político. É o principal instrumento da Igreja. Há, sem dúvida, pontos distintos entre a política norte-americana e a política do Vaticano. O Vaticano busca forçar acordos vantajosos, que lhe permitam mais liberdade de ação e de organização, deixando a solução definitiva para mais adiante. Os Estados Unidos são mais extremados. Os fins, porém, não são muito diferentes.

É dentro desse contexto que surgem as medidas violentas e arbitrarias do governo chefiado por um general, a decretação do Estado de sítio e a repressão brutal contra os trabalhadores e o povo. Desmoralizado e dividido, o Partido Operário Unificado da Polónia sai de cena e se esconde por trás da farda. É o exército quem manda.

"A nós cabe erguermos a nossa voz, fazê-la chegar ao proletariado polonês"

A Polónia, camaradas e amigos, vive graves acontecimentos e pode vir a ser o estopim de uma guerra sangrenta. A nós cabe erguermos nossa voz, fazê-la chegar ao proletariado polonês, no sentido de despertá-lo para a luta independente, no sentido de levá-lo a lutar pela construção de seu partido, para procurar o caminho da revolução, o caminho do verdadeiro socialismo. Que viva a Polónia Socialista, revolucionária, e que termine para sempre a opressão nacional, a exploração capitalista, a transformação da classe operária num joguete da reação interna e externa! É o que almejam todos nós, como internacionalistas proletários consequentes!

ABC do socialismo

A luta do PC do Brasil em defesa do marxismo-leninismo

Sob influência do XXº Congresso do PCUS formou-se um grupo revisionista que tentou substituir o Partido Comunista do Brasil por um partido reformista. Mas os marxistas leninistas não permitiram. Na Conferência de 1962, reorganizaram o partido revolucionário da classe operária.

A luta entre os marxistas-leninistas e os oportunistas foi a mais dura da história do partido. Já em 1956, um grupo, dirigido por Agildo Barata, hasteou a bandeira do direitismo. Foi derrotado. Mas em 1957 o surto revisionista ganhou novo impulso, com a adesão de dirigentes como Giocondo Dias, Zuleika Alembert, Jacob Gorender e o próprio Luis Carlos Prestes, secretário geral do partido, que passou a encabeçar o grupo.

O grupo revisionista colocou de lado o programa revolucionário do IV Congresso (1954), afastou do Birô Político vários dirigentes e impôs ao partido a linha oportunista da Declaração de Março de 1958. A Declaração defende a colaboração com a burguesia e o caminho pacífico, abandona a luta pela reforma agrária radical e



do, admite a direção da burguesia na frente única.

DELIMITAÇÃO DE CAMPOS

Contra isso, formou-se no Comitê Central um núcleo revolucionário, marxista-leninista, que travou uma acirrada luta ideológica na preparação do V Congresso, realizado em 1960. Mas os prestistas manobram o Congresso, impuseram sua linha oportunista e afastaram da direção os que resistiam a ela.

A luta ideológica delimitou os campos entre revolucionários e oportunistas. Esclareceu muitas questões e aprofundou o conhecimento da realidade do país. Armou os comunistas para a defesa do partido do proletariado ameaçado pelo revisionismo.

O GOLPE REVISIONISTA

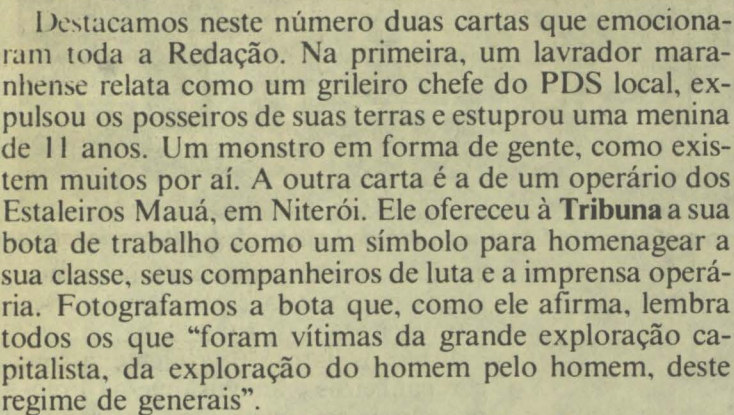
Em meados de 1961, a nova direção dá um golpe no partido, a pretexto de legalizá-lo de qualquer jeito, já que depositava todas as suas esperanças no caminho eleitoral. Aproveita novos Estatutos, excluindo a afirmação de que o partido

orienta-se pelo marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário. Publica um programa indefinido, como o dos partidos burgueses. Na prática, funda outro partido, reformista, dando-lhe até outro nome: Partido Comunista Brasileiro.

A REORGANIZAÇÃO

Os marxistas-leninistas não aceitaram esta tentativa de liquidar o partido do proletariado. Em 18 de fevereiro de 1962, sob a direção de João Amazonas, Maurício Grabois, Pedro Pomar, Carlos Danielli, Angelo Arroio, José Duarte e outros, reorganizaram numa Conferência Nacional Extraordinária o tradicional partido operário, fundado em 1922, o PC do Brasil. Voltaram a publicar também o jornal **A Classe Operária**, órgão central do partido desde 1925.

O Partido Comunista do Brasil iniciou aí uma nova fase, preservando sua rica tradição de lutas e superando as deficiências do passado. Avante! para cumprir seu papel de vanguarda do proletariado. A seguir, o caminho seguido pelo PC da China.



Também queremos destacar que **Fala o Povo** recebeu neste número, 5 cartas escritas por mulheres. Sinal de que elas avançam e começam a ler nosso jornal e, apesar dos entraves, a participar da luta. Parabéns!

(Grupo de auxiliares de enfermagem do Hospital Evangélico de Londrina - Paraná)

**(Ana Maria Martins,
São Paulo, SP)**

**Um leitor da T.O. em Timbiras-
Maranhão).**

(Lavradores de Paraíso,
Maranhão)

(Colaborador da TO de Cuiabá,
Mato Grosso)

(Um morador do loteamento e leitor da T.O. em Aracajú - Sergipe)

(G.P.S. - Leitor da TO em São Miguel Paulista, São Paulo)



(Um grupo de leitores de Aratuba, Ceará)

Exigimos prisão e abertura de inquérito contra o criminoso Chicote. São não foi punido desta vez, ele continuará cometendo suas violências, acobertado pelas autoridades do município.

(Um associado do Sindicato dos Trabalhadores de Brejo Santo, Ceará)



A proposta de criar a Federação no Congresso foi derrotada pela maioria. Defendemos a proposta de criação da Comissão Pró-Federação considerando que, embora tenha

Situação na Encol está igual à da Construmat

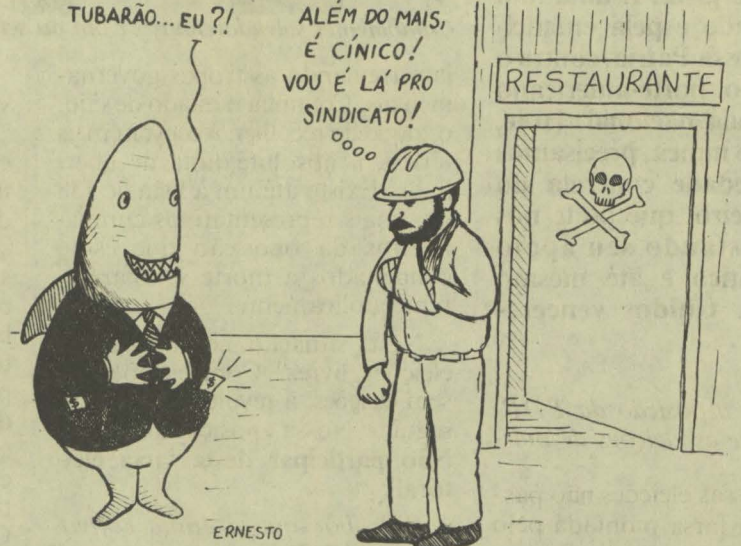
Aqui na firma Encol do Tijucal está acontecendo uma série de irregularidades e pressão em cima dos operários. Está igual a Construmat, eles só aceitam que a gente vá ao médico da firma. Licença do médico do INPS eles não aceitam e o médico da firma só atende 2ª, 4ª e 6ª feira, nos outros dias quem fica doente é obrigado a trabalhar assim mesmo se não quiser perder os dias e o descanso de domingo.

A comida é uma droga, tudo quanto é porcaria aparece. Se separarmos as pedras de cada prato achamos no mínimo umas 10, isso sem contar com cabelos e mosca. Arroz com casca é de monte e já encontramos até caco de vidro e cocô de rato.

Nós sabemos que isso acontece porque eles só visam o lucro e não querem saber de tratar bem os operários, nós que damos a riqueza para os patrões e o governo. Será que sem nós eles viveriam numa boa, como vivem?

Temos direitos porque somos nós que construímos

todas as casas, edifícios, e tudo mais. E no entanto temos um salário de miséria, que nem pra alimentação está dando. Moramos num barraco de tábuas nas favelas, muitas vezes em terreno grilado na marra, agüentando atropelo de jagunço, da polícia e outros bichos. Não temos condições de dar estudo nem saúde para nossos filhos. A gente pega doença à toa pois temos o corpo fraco de nos alimentar mal. E depois é difícil curar, pois os remédios



Acordo com trabalhador beneficia Eletropaulo

No último dia 6 os eletricitários de São Paulo aprovaram a contraproposta da Eletropaulo, encerrando sua campanha salarial sem muita discussão do acordo e sem conseguir suas principais reivindicações.

Houve apenas duas assembleias. Na primeira, o presidente do sindicato, Antônio Rogério Magri, manobrou para aprovar um desconto de 10% do "aumento" salarial, na verdade reajuste dado por lei, em favor do sindicato. É mais um imposto nas costas do trabalhador, que já está suportando a crise do país e

não tem um sindicato que defenda seus interesses. O Magri fez de tudo para aprovar o acordo, beneficiando a empresa. Disse que não podemos exigir muito em época de crise, que confia na palavra do presidente da empresa, que não deu estabilidade de 6 meses, e afirmou apenas que não demitiria muitos trabalhadores!

A segunda assembleia foi tumultuada por agentes provocadores do Magri, contribuindo para que ele encerras-se a discussão aprovando a proposta patronal.

que podemos comprar são raiz de pau, ou folha do mato. Por isso companheiros, vamos nos unir e lutar pelos nossos direitos, vamos entrar no sindicato pra gente ter mais força e valor. Vamos lutar para ter um governo que olhe por nós, pelos nossos direitos, que nos dê condições de vida e trabalho e não este, que só defende os tubarões.

(Comissão de operários da Encol - Tijucal, Cuiabá, Mato Grosso)

O Magri está agora gritando por aí que fez o melhor acordo do Brasil (para a Eletropaulo, claro!): a produtividade aumentou abaixo da correção do INPC, foi de 1.500 para 2 mil cruzeiros; não se obteve subsídio na condução; o quinquênio que conseguimos em julho só saiu agora e foi tirado dos 6% concedidos pelo governo, para aumento na ficha de pagamento. Mas a categoria está começando a abrir os olhos. O Magri que se cuide.

(Um eletricitário de São Paulo, SP)

Pedreiros de Cuiabá estão na pior

Os trabalhadores em geral e principalmente os da construção civil de Cuiabá e Mato Grosso vêm pedindo há tempos socorro às autoridades e aos que se intitulam líderes. E na verdade o que ocorre é que estamos vivendo dias difíceis e ninguém se interessa por nós.

A **Tribuna Operária** já divulgou diversas ocorrências envolvendo a **Construmat**, onde os direitos trabalhistas não são respeitados e não há fiscalização da Delegacia Regional de Trabalho. Os corredores daquela DRT dia-

riamente estão lotados de trabalhadores reclamando e implorando socorro, mas ninguém se incomoda com os operários.

Existe uma empreiteira, uma tal **Aquário**, que faz o que bem entende simplesmente porque o delegado regional do trabalho é pai de um dos donos da construtora. E agora, para quem os infelizes trabalhadores vão apelar? Afinal de contas, que país é esse? O lucro é protegido e intocável e o trabalho que é suado, derramando suor e lágrimas, é des-

prezado e perseguido. Que tamanha injustiça, meu Deus! O lucro enriquecendo cada vez mais os parasitas que chupam o sangue dos operários e a DRT de Cuiabá empurrando ao desespero milhares de trabalhadores e seus dependentes. Até quando vai isso? Só mesmo a **Tribuna Operária** pode ajudar os trabalhadores de Cuiabá e Mato Grosso, denunciando ao Brasil inteiro o que realmente se passa por aqui.

(Um colaborador da TO em Cuiabá, Mato Grosso)

Operários da Eisel param para receber

Na fábrica EISEL houve uma paralização no dia 22 de dezembro, das 7:30 às 8:05 da manhã, devido aos patrões não pagarem o 13º salário.

O que se ventilava do lado patronal é que a firma não tinha dinheiro. Só que o pa-

trão não se manifestou e isto foi o suficiente para a revolta dos operários que queriam uma explicação ou dinheiro.

A fábrica é composta por aproximadamente 80 operários na produção; mais de 98% parou. Isto mostrou a

justiça da nossa reivindicação. E não só por isso que paramos, mas também pela falta de higiene, de segurança no trabalho e falta de respeito com os colegas de produção.

O patrão explora e ao mesmo tempo transgredir as leis feitas por ele mesmo. Através o pagamento do décimo terceiro salário, e demitiu um companheiro que tem estabilidade assegurada, porque saiu em favor dos operários.

Vejam companheiros, a força que temos; antes a firma não tinha dinheiro; como é que às 12 horas apareceu e pagaram a todos, inclusive ao pessoal da burocracia, ou seja da administração?

O dia em que toda a classe explorada se unir, derrubaremos os patrões e seus lacaios rumo ao socialismo científico.

(Grupo de amigos da TO na EISEL, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul)

Tribuna é jornal sério que nos faz crer no futuro

Escrevo a todos que participam da realização do **Tribuna Operária** para agradecer em nome de todos os que têm interesse em um futuro mais humano e racional, pela forma limpa com que o jornal nos tem apresentado os fatos que possibilitam fazeremos uma análise clara e, com base na verdade, formar opiniões.

Moro em Brasília desde os 10 anos. Hoje estou com vinte e vejo quanta coisa pode passar despercebida pelo coração de uma criança que ria, coisas que hoje fazem chorar o adulto. A dor dos povos escravizados de diversas formas pelos diversos tipos de imperialismo, as ditaduras militares e a desumana e desigual distribuição de bens.

Como jovem, apelo ao espírito combativo dos jornalistas como os da **Tribuna Operária**, que nos fazem acreditar que o futuro, baseado em nosso trabalho, estudo e união, poderá evitar o catastrófico fim que, às vezes, parece ser desejo de vários patriarcas do poder.

Agradeço ainda ao jornalismo de **Tribuna** por ser um dos poucos que vejo funcionar como deve realmente funcionar um jornalismo honesto, não como máquina de fazer dinheiro, através de comerciais vendidos a empresas inescrupulosas e seus produtos prejudiciais a toda comunidade. A função de um jornal é esta: fazer o mais necessário jornalismo! Parabéns!

(M.V.L. - estudante de Brasília, Distrito Federal)

Imbel se recusa a pagar serviço prestado há anos

Trabalho por conta própria numa firma imunizadora chamada Kennedy e em 1967, realizei um trabalho de imunização em todas as residências oficiais e civis, bem como em alojamento e cinema da Fábrica de Material Bélico de Juiz de Fora (IMBEL). Na época, o serviço prestado estava em torno de 35 mil cruzeiros e recebi apenas 150 cruzeiros, referente ao pagamento do material utilizado. O serviço foi tratado com o Major Joel Francisco Saciloti que na época era Prefeito Militar.

Passaram-se 15 anos e até hoje, não consegui receber nada pelo trabalho prestado. Recorri a vários advogados, gastando quantias que não podia e nada foi feito. A resposta que chegava, era que o processo contra a União Federal estava em andamento. Todos os advogados deixaram o processo correr à revelia. Apelei para todas as partes (cartas à União, advogados, denúncias, etc.) e só venho encontrando oportunistas que nada fazem em meu favor. Alegam que não há pedido legal dos serviços indicados e que minha firma não é registrada — o que venho afirmar, através de documentos de que o registro existe desde 1966.

Recorro a este jornal que defende os interesses da classe operária, para denunciar toda essa irregularidade e corrupção.

Espero, que um dia possamos fazer deste país, um país onde os interesses da classe operária e do povo oprimido, possa ser clamado aos quatro ventos.

(R.C.S. um leitor da T.O. em Juiz de Fora, Minas Gerais)

Operários da Fiat conclamam seus colegas à luta

Esta semana circulou dentro da Fiat de Betim um "mosquitinho" que agitou os operários. Ele tinha os seguintes dizeres: "Não aguentamos mais. Aqui na funilaria estão acontecendo problemas desagradáveis. As linhas estão rodando na velocidade máxima e nós não podemos parar nem para ir ao banheiro. A empresa é obrigada a colocar um em reserva para cada 8 operários; e nem para a seção inteira não tem nenhum.

Os companheiros da lixadeira, que trabalham com fogo na cara, não têm tempo nem para tirar a máscara para tomar café. E tem também companheiros que tem que ficar pulando linha e trabalhando por dois. Vamos continuar aceitando isso? Não! Nós temos que nos organizar e acabar com essa escravidão. Se eles não diminuírem a velocidade das linhas, nós é que vamos diminuir o ritmo de trabalho. Já chega, não dá para aceitar isso mais! Leia, discuta e passe pra frente".

(Um operário da Fiat: Betim, Minas Gerais)

Um mundo novo

Ver nascer um novo Horizonte.
Ver surgir um Mundo Novo.
Ver o povo todo a cantar,
Tão feliz a trabalhar:
Por seu mundo que tanto custou.
Tanto sangue que jorrou!
Tantos homens operários.
Tanta força camponesa
Se fez firme com precisão
As mulheres, fortes amazonas.
Hoje livres da exploração.
Os jovens, força nova.
Os velhos, experiência.
Em Unidade Popular
Contra toda resistência.
Derrubada a fortaleza.
A burguesia se danou.
E em armas a Unidade Popular foi quem ganhou.
(T.L. - São Paulo, SP)



A bota repleta de lembranças, oferecida à Tribuna

Metalúrgico do Rio faz uma homenagem a seus companheiros

Ofereço à **Tribuna Operária** esta bota, pois ela nos lembra:

— todos os operários assassinados dentro do estaleiro Mauá e em todas as indústrias de Niterói e de todo o Brasil, no ano de 1981, trabalhando em locais e condições sub-humanas, sem a mínima segurança, onde todos foram vítimas da grande exploração capitalista, exploração do homem pelo homem, deste regime dos generais que há 17 anos vem mostrando interesse pelo lucro e desinteresse pelo povo brasileiro, jogando-o no desemprego e na fome, obrigando-o a trabalhar em condições sub-humanas.

— lembra o último companheiro morto no estaleiro Mauá, Arino Viana, 28 anos, eletrocutado. Uma semana antes seu irmão foi acidentado, o maçarico em péssimas condições de uso explodiu em suas mãos, queimando além das mãos, barriga e pé.

— lembra 38 mil mortos, 16 milhões de feridos, e milhares de operários aposentados por invalidez em aciden-

tes de trabalho no Brasil entre 1971 e 1980; e que patrões e governo derramaram nosso sangue na guerra pelo lucro.

— lembra também todos aqueles que pela causa da classe operária e de todo o povo brasileiro, foram presos, torturados, assassinados por este mesmo regime, anti-operário, anti-povo, antidemocrático, antisocialista. Regime este que será massacrado e exterminado pela Revolução Operário-Camponesa, com seu partido de classe, marxista-leninista, à frente, dirigindo a luta para uma sociedade justa o socialismo e o comunismo.

— lembra também você, **Tribuna Operária**, que nos orienta, nos guia para um único caminho, que denuncia todas as arbitrariedades deste regime, que encampa todas as lutas dos operários e do povo brasileiro. Parabéns!

(Um operário metalúrgico no estaleiro Mauá em Niterói, Rio de Janeiro)

Embratel demite líderes sindicais combativos

Simultaneamente e de maneira arbitrária, a Embratel demitiu no dia 1º de dezembro, Elcio Emanuel Lemes e Sebastião Francisco da Silva Filho, no Rio, e Eliseu Lemes Sandes, em Salvador, o primeiro com 12 anos e 6 meses e os demais com 9 anos de empresa, ativistas sindicais de marcante atuação junto à categoria dos telefônicos. A medida foi claramente política, não só por se tratar de sindicalistas militantes, como pela inexistência de registros desabonadores em suas fichas funcionais, onde constam, pelo contrário, menções elogiosas.

Instados a negociarem a readmissão dos companheiros, dirigentes do sindicato da categoria entrevistaram-se com os coronéis José Maria Couto Oliveira, Diretor Administrativo e Helvécio Gilson, presidente da empresa. Na ocasião ficou evidenciada a total intransigência dos próceres da empresa quanto à possível reversão das medidas e negativas quanto à motivação política das demissões.

Os seguintes fatos contradizem o

posicionamento oficial da Embratel: 1º) - as demissões ocorreram à revelia das chefias a níveis de seção, divisão, departamento, e não obedeceram à processualística normal. 2º) - Em recente entrevista à revista Telebrasil, o coronel Helvécio manifestou alegria pelo fato de a empresa estar atravessando o atual período recessivo sem provocar demissões, aumentando o seu elenco em 2%.

Tais fatos demonstram a cegueira do arbitrio instalado em nosso países, de um modo geral, e na Embratel, em particular, onde uma minoria todopoderosa julga-se senhora absoluta de tudo e todos. Exigimos justiça e aguardamos a reintegração dos companheiros Elcio, Sebastião e Eliseu em suas funções na empresa, na qual entraram por direito adquirido em penosos concursos, e não ungidos por apadrinhamentos ou origem castrense, como alguns.

(Seguem 41 assinaturas - Rio de Janeiro, RJ)



Em defesa do companheiro Gigi Damiani

Peça relembra greve de 1917

Gostáramos de participar a vocês da **Tribuna Operária**, que estamos apresentando aqui em São Paulo, no Teatro Brasileiro de Comédia, à Rua Major Diogo, 315, de 4ª a Domingo, a peça **Em Defesa do Companheiro Gigi Damiani**, de Eliana Rocha e Jandira Martini.

A peça trata da greve geral de 1917 e da prisão e deportação de um de seus principais dirigentes, o anarquista italiano Gigi Damiani, então redator do jornal **A Plebe**.

A peça deverá ficar em cartaz no TBC até o final de fevereiro, passando então a ser apresentada para grupos de trabalhadores em sedes de sindicatos, a preços especiais. O ingresso

custa normalmente 300 cruzeiros.

Gigi Damiani recebeu comentários elogiosos e excelente apoio da crítica especializada, e foi até convidado para participar no Festival Incontro-Azione, em Palermo, na Itália, em junho próximo. Entretanto, por ser uma produção independente, que conta com recursos escassos, precisa da colaboração de todos para reforçar sua divulgação junto ao público interessado.

Considerando-se o teor e ideologia de seu jornal, esperamos contar com sua colaboração na divulgação de nosso trabalho e com a sua presença na plateia.

(L.R.G. - São Paulo, SP)





Os delegados ao Congresso deram todo apoio à Conam, apesar de reclamarem da falta de debate e organização

Moradores dos bairros já têm entidade nacional

Cerca de cinco mil delegados, de 18 estados, fundaram a Confederação Nacional de Moradores (Conam), no estádio do Pacaembu, em São Paulo, dias 16 e 17 de janeiro. Atualmente existem oito mil associações de bairro em todo o país, abrangendo cerca de 25 milhões de pessoas. Os rendimentos mensais de 95% de seus membros não passam de três salários-mínimos. Esta população marginalizada pode fazer da Conam uma importante alavanca de suas lutas.

Três policiais em cada associação de bairro!

Em vários pontos do país as associações de bairro vêm recebendo todo tipo de pressão. No Maranhão, por exemplo, o governo está tentando instalar um policiamento fixo nas Uniãos de Moradores de São Luiz. Neste projeto, serão colocados no mínimo três policiais dentro de cada entidade, além de um rádio-comunicador. O objetivo principal é fiscalizar as lideranças dos bairros, pois nos últimos anos o movimento popular deu um grande avanço naquela capital.

Já em São Paulo a polícia procura intimidar de outras maneiras. No dia 20 de dezembro, João Sebastião Ferreira, presidente de uma Associação de Moradores da zona sul de São Paulo estava dirigindo uma assembléia de moradores da Vila Prel. Em seguida chegou um tenente da PM numa viatura da ROTA e num tom ameaçador disse que "a imagem da polícia e do

governo está sendo maculada" por João. Isto porque, em abril de 1981, ele havia mobilizado os moradores contra a violência policial na favela Maracanã.

Diante das insinuações do tenente, os moradores se posicionaram ao lado do seu presidente, o que evitou que o policial o levasse preso. Porém mais tarde João Sebastião foi intimidado a comparecer duas vezes ao 16º Batalhão da Polícia Militar, para prestar esclarecimentos.

PELEGOS E POLICIAIS

Em outros locais, presidentes pelegos de Federações de bairros se aliam à polícia para ameaçar autênticas lideranças de bairros. O presidente da Federação das Associações de Bairro de Mato Grosso, Valmir Cardoso tentou impedir que a delegação do bairro Barbado, de Cuiabá, trouxesse à Conam uma faixa em homenagem a Antônio Valentim. Antônio era o presidente da Associação de Moradores do Barbado e foi morto a traição por capangas de um fazendeiro, na luta pela terra urbana.

O presidente de outra associação de moradores de Cuiabá, ouviu de um investigador da polícia: "Já morreu um presidente de bairro e estamos a fim de acabar com o resto". Ale-miro, irmão de Antonio Valentim, acrescenta: "Os que estão ao lado do governo não são ameaçados".

A Conam é uma entidade que poderá unificar as lutas dos bairros pelas reivindicações imediatas, como água, luz, esgotos. Mas sua criação mostra também que os moradores se interessam cada vez mais pelas lutas gerais. "A luta é também por questões políticas, como a queda do regime militar, pela Constituinte livre e soberana; contra o desemprego e a carestia; e também contra estes últimos pacotões", diz Paulo Della Zen, delegado do Rio Grande do Sul.

CONGRESSO SEM DEBATE

O congresso devia ser um fórum de debates para o povo manifestar as suas opiniões. Mas não foi nada disso, porque foi mal organizado e mal dirigido. Houve manobras que criaram dificuldades aos delegados, sem respeitar os representantes dos bairros, que com muito sacrifício vieram de longe para expressar suas opiniões. Houve grandes debilidades na convocação, e em muitos Estados não houve tempo de discutir o tema nas bases.

A mesa diretora impediu a discussão dos estatutos e da carta de princípios. Alguns, apesar de se dizerem a favor desta entidade, boicotam o debate político amplo porque temem o avanço do povo. Antes disso, um grupo de delegados compôs políticas conciliadoras com o regime tentou impedir a formação da Conam. Diante destes fatos, um gaúcho, revoltado, afirmou que "não se admite que uma minoria, que não tem interesse de levar a luta do povo adiante, venha atrapalhar".

A composição da nova diretoria ficou bastante heterogênea. Sendo uma chapa de unidade, estão presentes os setores mais combativos, mas também elementos conhecidos por sua conciliação com o governo anti-popular.

Os representantes mais consequentes da nova diretoria terão uma responsabilidade ainda maior, a de colocar a Conam à frente das lutas populares e pelo fim do regime militar. Walter Feldman, de São Paulo, um dos novos diretores, afirmou que apesar de todos os problemas do Congresso, "foi válida a participação e fundação da Conam".

Exclusivo

Fala o porta-voz da Frente Farabundo Martí no Brasil

A Frente Democrática Revolucionária (FDR) e a Frente Farabundo Martí de Libertação Nacional (FMLN) de El Salvador acabam de abrir uma representação oficial no Brasil, mostrando como valorizam os laços de solidariedade entre nossos dois povos. Em entrevista exclusiva à *Tribuna Operária*, o representante da FDR-FMLN, Miguel Angel Amaya Cuadro faz um apelo:

— "Gostaria de reafirmar ao povo irmão do Brasil que a nossa luta é justa. É uma luta pela liberdade e pela emancipação da nossa Pátria, contra o imperialismo norte-americano e a oligarquia nacional. Hoje, mais do que nunca, precisamos da solidariedade concreta do povo brasileiro, que pode nos ajudar prestando seu apoio moral, político e até mesmo econômico. Unidos venceremos!"

TO: Qual a posição da FDR-FMLN sobre as eleições de março?

Miguel: Essas eleições não passam de uma farsa montada pelo imperialismo norte-americano e pela Junta Militar para manter-se no poder. Ao mesmo tempo em que falam em eleições, intensificam o genocídio do povo. A repressão militar já causou mais de 30 mil mortos. Igualmente se intensifica a escalada intervencionista norte-americana. Há 52 boinas-verdes participando ostensivamente dos combates, embora oficialmente eles só este-



Combatentes salvadorenos: "Com ou sem eleições, a revolução prosseguirá"

jam treinando as tropas governamentais. Continua o estado de sítio, o toque de recolher, a censura mais férrea, a absoluta falta de liberdade. Existe até um lista de 138 dos mais representativos companheiros da oposição que estão condenados à morte se aparecerem publicamente.

Nesta situação, como falar em eleições livres? Com eleições ou sem eleições, a revolução vai prosseguir. Nossa posição é clara: Não participar desta farsa eleitoral!

TO: Por que a Junta convocou as eleições justamente agora?

Miguel: Essas eleições são uma última cartada da Junta Militar. Com a farsa eleitoral, ela tenta canalizar as contradições dos diversos grupos no bloco dominante, legitimar o seu poder e construir uma imagem mais positiva ao nível internacional. Ela faz isto agora por causa dos grandes avanços diplomáticos, políticos e militares da FDR-FMLN.

TO: A Junta está conseguindo sucesso com esta manobra?

Miguel: Esta manobra suja não engana o povo de El Salvador, nem enganará aos povos dos demais países. Amplos setores da sociedade salvadorenha já se posicionaram contra, como a Associação dos Advogados e o arcebispo Dom Arturo. A Junta tentou dividir a FDR chamando para as eleições partidos legalizados que fazem parte da Frente, como o MNR e a UDN. Mas estes partidos se recusaram a participar. A nível internacional, a ONU aprovou em meados de dezembro, com 68 votos a favor, uma resolução exigindo o restabelecimento de um clima de liberdade para as eleições.

Só mesmo os fascistas vão participar desse pleito.

TO: Mas quem afinal vai participar desse pleito?

Miguel: Só mesmo partidos de direita e de extrema-direita, fascistas e neo-fascistas. A ARENAS tem como candidato a presidente o fundador do Esquadrão da Morte local, que assassinou o Monsenhor Romero. O POP lançou o general Humberto Medrada, diretor da Guarda Nacional e fundador da ORDEN, força pára-militar. O PCN lançou o Coronel García, ministro da Defesa e arqui-criminoso responsável pelo genocídio existente. Finalmente, o Partido Democrata-Cristão, principal sustentáculo do atual ditador Napoleón Duarte.

TO: O que a FDR-FMLN exige para participar das eleições?

Miguel: Primeiro, depurar o exército fascista. Segundo, desmantelar os "corpos de segurança". Terceiro, eliminar os órgãos pára-militares, como a ORDEN, Mano Blanca, Esquadrão da Morte, etc. Quarto, libertar todos os presos políticos. Quinto, acabar com o estado de exceção. Sexto, abolir toda a censura sobre os meios de comunicação. E sétimo, reabrir a Universidade de El Salvador, fechada há mais de um ano e meio.

(da sucursal)

50 anos do fuzilamento do herói Farabundo Martí

No dia 1º de fevereiro de 1932, há meio século, tombava diante do pelotão de fuzilamento Agustín Farabundo Martí. Seu crime: militar no recém-fundado Partido Comunista de El Salvador; encabeçar, em janeiro de 32, a primeira insurreição popular na América Latina dirigida pelo proletariado. Suas últimas palavras: "Viva o socialismo!"

Hoje Farabundo Martí é mundialmente conhecido, graças à Frente de Libertação que leva seu nome. Ele participou intensamente das lutas de seu tempo, não só em El Salvador, como na Guatemala, Nicarágua, México, Estados Unidos. Na Nicarágua combateu ao lado de Sandino. Dizia: "Quando não se pode escrever a história com a pena, então deve-se escrevê-la com o fuzil".

De regresso à pátria, em 1930, Martí encontra uma situação revolucionária em amadurecimento. Integra-se de corpo e alma na vida do Partido Comunista de El Salvador, fun-



Agustín Farabundo Martí

dado em março daquele ano. E o partido marcha para a insurreição, que estourou a 22 de janeiro de 32. O movimento é esmagado pela reação com rara selvageria. Martí, preso, é condenado e fuzilado. Seu nome, porém, ressoa até hoje em El Salvador, para desespero da oligarquia e do imperialismo.

Depois do quebra-quebra governador paraibano voltou atrás

No sábado, 16 de janeiro, o povo de João Pessoa alcançou mais uma vitória expressiva, no movimento contra os aumentos dos transportes urbanos que vem agitando o Brasil. O governador Tarcisio Burity, finalmente, resolveu ceder e reduzir de 24 para 20 cruzeiros o preço das passagens. Mas para isto foi preciso o povo sair às ruas e houve até a quebra de 20 ônibus.

As depedrações começaram depois de uma manifestação de 10 mil pessoas contra o aumento, na noite de 13 de janeiro. Cerca de 20 ônibus foram apedrejados pelos populares, inclusive pessoas de idade, segundo testemunhas. A polícia logo saiu às ruas, estreado seu novo equipamento para reprimir o povo, prendendo dois jovens. Um deles, na central de polícia, relatou como aderiu ao quebra-quebra: o cobrador não tinha um cruzeiro para dar-lhe de troco; "já estava com a cabeça quente e, no momento, sem pensar em mais nada, entrei em ação".

Porém o protesto espontâneo da população pessoense terminou ren-

dendo algum fruto. Três dias depois o governador do Estado anunciava uma redução das tarifas, embora sem referir-se à revolta popular como causa da sua repentina mudança de opinião.

26% DO SALÁRIO-MÍNIMO

As tarifas haviam subido 60%, passando de 15 para 24 cruzeiros, a partir de 1º de janeiro, e causando profunda revolta na população. Na Paraíba o salário-mínimo é de 9.700 cruzeiros. E a maioria dos trabalhadores — operários da construção, comerciantes e outros — ganha em torno do mínimo. Os comerciantes têm um piso salarial um pouco mais elevado, mas geralmente são ludibriados pelos patrões, que assinam a carteira com uma quantia e pagam outra bem inferior. Com o aumento, eles gastariam 26% do salário só para ir e voltar do emprego!

O aumento era abusivo. Um estudo feito por especialistas que auxiliaram o Movimento Popular contra o Aumento das Passagens chegou à conclusão de que a tarifa deveria ser de 17,50 cruzeiros. E isso mantendo a taxa de lucro dos empresários.

50 MIL ASSINATURAS

Logo depois dos festejos natalinos, um movimento de protesto come-

çou a ganhar força. Algumas entidades e grupos de moradores tomaram a iniciativa de convocar uma reunião para discutir o problema. Compareceram mais de cem pessoas, de doze bairros. Ali criou-se uma coordenação do Movimento Popular contra o Aumento das Passagens, presidida por Vladimir Dantas, líder do bairro de Cruz das Almas.

Decidiu-se também correr um abaixo-assinado, para entregar no dia 13 ao governador e ao prefeito, reivindicando a revogação do aumento, o congelamento dos preços, mais e melhores ônibus. Em poucos dias recolheu-se cerca de 50 mil assinaturas.

A PASSEATA DOS DEZ MIL

No dia 13, uma quarta-feira, o povo começou a se concentrar por volta das quatro horas da tarde, em frente à Prefeitura. Mas o prefeito não estava — teria ido a São Paulo, "conversar com Maluf", conforme disse o chefe do gabinete, que nada resolveu.

A essa altura, já eram mais de 5 mil populares, que saíram em passeata rumo ao palácio do governador. E quanto mais avançava, mais crescia a manifestação, estimada em cerca de 10 mil pessoas. Porém enquanto isso acontecia,

o governador Burity safava-se mais do que depressa pelos fundos do Palácio da Redenção. A comissão formada pelos manifestantes só encontrou um desembargador, que nada prometeu de concreto. Tudo que Vladimir Dantas e seus companheiros conseguiram foi a vaga promessa de uma resposta até o dia 20.

Foi quando esgotou-se a paciência do povo diante do descaso das autoridades. Logo que terminou o ato, em frente ao Palácio, começou um quebra-quebra de ônibus pelo centro da cidade.

(da sucursal)



A manifestação ao sair da Prefeitura e Vladimir Dantas, líder do protesto



A manifestação ao sair da Prefeitura e Vladimir Dantas, líder do protesto